RIMAS
OFFERECIDAS
AO
ILLUSTRISSIMO SENHOR
THEOTONIO GOMES
DE CARVALHO,

Professo na Ordem de Christo, do Conselho de Sua Magestade, e do Ultramar, Deputado da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação destes Reinos, e seus Dominios; Administrador da Fazenda das Mezas da Arrecadação, e Despacho da Alfandega das Sete Casas, &c. &c. &c.

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES
DA COSTA,

ENTRE OS PASTORES DO TEJO,

JOSINO, LEIRIENSE.

LISBOA. M. DCC. LXXXXV.

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença.

Taixão este Livro em papel na quantia de trezentos réis. Lisboa 5 de Dezembro de 1795.

Com seis Rubrícas.

ILL.^{mo} SENHOR.

PRopondo-me dar ao Prélo huma Collecção das minhas producções Poeticas, assentei que a Obra não devia apparecer no Theatro do Mundo sem arrimo, e sem amparo.

Não

Não he a vaidosa presumpção de Author a que me determina, conheço o meu apoucado engenho.

A eleição de Mecenas, a quem recorro, derivada de hum preceito da razão, he quem me anima: e quem devia ser o Objecto da minha escolha senão VOSSA SENHORIA?

Todos sabem o grande affecto, que consagra á Litteratura, e o acolhimento, que sempre encontrárão em VOSSA SENHORIA os que se applicão ás Artes, e Sciencias, motivo porque não receio, que VOSSA SENHORIA se escuse de acceitar esta pequena Offerta do meu agradecimento, producção de hum genio desafogado, a quem a Musa juvial por muitas vezes affinou a Lyra, para de hum modo menos pezado á Sociedade adoçar a correcção dos meus vicios, e dos alheios.

Não

Não duvide VOSSA SENHORIA, que os meus desejos erão cantar em versos dignos as virtudes, que adornão o seu brilhante espirito, porém as minhas frouxas azas me não permittem vôos tão altos, contentar-me-hei de as ouvir exaltar pela vóz da Fama, e humilde respeitallas, como

DE VOSSA SENHORIA

O mais reverente subdito

José Daniel Rodrigues da Costa.

AO LEITOR.

LEitor, se és sábio, deves desculpar-me
Defeitos, de que possas condemnar-me,
Pois toda a obra tem, por má que seja,
Algum bom pensamento, que se veja;
He certo, que resoão nos ouvidos
Mil sátyras, reparos desabridos,
Com que alguns ruminantes falladores
Por terra põe as obras, e os Authores,
Mas estes, de ordinario, nada entendem,
Sempre os que menos sabem mais reprendem....
Se aos vicios faço justiceira crice,
A que o vulgo roáz chama doudice,
Este córte moral faz-se preciso.
Ha fofos Pántallões, dignos de riso,
E estão, louvado Deos! as Assembléas,
Praças, e ruas deste Insecto cheias;
A Poesia com estes não faz liga,
Tratão-na como acerrima inimiga,
N'uma rua hum bom Velho perseguido
De rapazes se vio sem ter partido,
E porque fosse mais injuriado,
Julgando ser peor, que apedrejado,

Le-

Levantou-se hum rapaz como huma setta,
Atrás delle a gritar, *fóra Poeta* :
E os que tem isto posto em tal figura,
A' Poesia chamando alta loucura,
São huns Meninos, que andão por Lisboa,
Q' só tem para si, que he lição boa,
A moda, o seve, a banca, a Dama bella;
Sem que a vida regulem com cautela,
E engolfados sómente nestas festas,
Ficão dalli citados para bestas,
Odio mortal jurando a quem procura
Lembrar dos feios vicios a tortura;
Mas quem meus versos róe, bem como traça,
Ou faça mais do que eu, ou o mesmo faça,
Q' estar de vista aguda pesquizando,
Onde está verso errado, ou verso brando,
Defeitos amontoando sem piedade,
E sem outra razão mais que a vontade
De querer criticar sem causa justa,
Mostrando-se Doutor á minha custa;
Acho, que se não cance o Leitor nisso,
Q' o meu Cabelleireiro fará isso;
Mas se fores, qual eu te considero,
Sábio, prudente, crítico sincero,
Não só te julgarei por meu amigo,
Mas sem vaidade aprenderei comtigo.

Vale.

IN-

INDICE

Das Obras, que contém este Livro.

SONETOS.

Che-

MEMORIAL.

EPISTOLAS.

SILVA.

CAN-

C A N Ç à O.

E P I C E D I O.

S O N E T O S.

L Y R A.

S E X T I N A S L Y R I C A S.

I D Y L I O S.

DE-

DECIMAS.

MOTES GLOSADOS.

QUA-

QUADRAS GLOSADAS.

PENSAMENTOS.

APOLOGOS.

PAIXÃO AMOROSA.

PESCARIA DE JOSINO.

AMO-

AMOFINAÇÕES, &c.

A MENINA NO TOUCADOR.

SO-

SONETO.

AS leis da honra falta o que murmura
Das casas, em que tem hum civil trato,
He tido por má lingua, e por ingrato,
O que falla dos mesmos, que procura.

Merece mais louvor do que censura
Todo o que faz dos vicios o retrato,
Supposto que este arbitrio não he grato,
A moral sempre faz séria figura.

Apontar individuos não me toca,
Não he minha intenção fallar daquelles,
Que contra mim tem sempre infame boca.

Mófem embora de meus versos elles:
A critica em geral ninguem provoca,
Nesta fallo de mim, fallando delles.

SONETO.

QUe o Leitor, que nos versos tem seu geito,
Lesando-se em comprar obras, que eu faço,
Com prudencia critique o seu pedaço
Hum verso torto, que julguei direito.

Visto que a compra já tem satisfeito,
Da critica, que faz, me satisfaço,
Hum desafogo tal não lhe embaraço,
Antes á justa emenda me sujeito.

Mas, que hum pedante minhas obras peça,
Para lhes pôr com lingua depravada
Defeitos, que não tem pés, nem cabeça.

Pelo foral da gente bem creada,
Pois tudo deve ter sua remessa,
Fervet opus, maçada, e mais maçada.

SO-

Do Author a hum Amigo seu Bacharel, pintando-lhe a casa.

SONETO.

DE huma podre madeira falsa escada,
Por onde as pernas sobem mal seguras,
Carcomida parede com pinturas,
Que a chuva fez só pela ver ornada.

Rotos sobrados, onde a pulga inchada
Farta a sêde, que tem ás creaturas;
Das aranhas subtís altas penduras;
Humida trave ao tecto atravessada.

Quatro cadeiras de deitar abaixo,
Huma meza bastante desgostoza
De estar ha tantos annos sem Despacho.

He esta a sala toda milagrosa,
Onde traste seguro, e bom náo acho
Mais que o teu coraçáo, caro Barbosa.

Falla o Author com hum Bacharel seu amigo.

SONETO.

A. SEnhor Doutor, que he isto, empertigado!
N'uma sege tão velha conduzido!
B. E dezoito tostões tenho exhibido
Para andar toda a tarde neste fado.

A. Que bilhetes são esses, que o criado
Por escadas, e portas tem mettido?
B. De boas festas são, cujo partido
Os Tafues até aqui tem abraçado.

A. São de pouco juizo essas festinhas,
Que aos que são seus amigos verdadeiros
Mandar deve hum perú, ou seis gallinhas.

Olhe que assim estraga os seus dinheiros,
Estafando a seus donos as bestinhas
Em festas que só são dos Arrieiros.

SONETO.

HE ópio dar em casa huma função,
He ópio o andar sempre sem real,
São ópio boas festas no Natal,
Duas noites perder no S. João.

He ópio rebentar de comilão,
He ópio vestir bem, e comer mal,
He ópio o ir a pé té ao Cardal,
Com créditos de ser hum bom ladrão.

He ópio namorar quem me não quer,
He ópio o ir levando, e não fugir,
He ópio sopportar huma mulher.

E para o meu Soneto concluir,
Té neste mundo hum ópio vem a ser,
Vermos huns a chorar, outros a rir.

SONETO.

EM quanto a branca Lua resplandece,
Me vou da fresca noite aproveitando,
Ao Cáes da pedra chego, e passeando
Diviso o *tot il Mundo*, que apparece.

De riçados, e anquinhas se conhece,
Para me recrear, vistoso bando,
Huma beija o seu Par de quando em quando,
Outra as contas, que traz, e o terço off'rece.

Entra a Dama ciosa n'um tormento,
O Chichisbéo hum pouco desconfia,
Faz as pazes a mái a seu contento.

Cahio no ópio Sua Senhoria:
He mais huma função de casamento,
Fortuna do Prior da freguezia.

Por ironia.

SONETO.

NÃo trabalhes, Anarda, que he loucura
No trabalho empregar a mocidade,
Ganhas mais em fazeres sociedade,
Do que pódes ganhar nessa costura.

Põe marrafa, põe chale, e então procura
Funções, onde domine a liberdade,
Marca hum bom cutilhão, prende a vontade
Ao destro Par, que terno te procura.

Mal se acabe a assembléa, riscaremos
Brinco de mar, sem ter vento contrario,
Fructas, fiambres, tudo levaremos.

E em Cassilhas portando o rancho vario,
Devotamente em burros montaremos,
Por cumprir a promessa a São Macario.

Por ironia.

SONETO.

RApariga, olha cá, já que és tão bella,
Não difficultes tanto os téus agrados,
Já se acabou o tempo dos estrados,
Os Pais já não põe tranca na janella.

Aproveita o Luar, que a nossa estrella
Anda muito a favor dos namorados,
Depois de haver anquinhas, e riçados,
Ser, ou não recatada, he bagatella.

Se te esquecer que a morte leva tudo,
Aconselha a teu Pai ópios da moda,
Que faça mil funções com pouco estudo.

Que forre de papeis a casa toda,
Que compre chá, manteiga por miudo,
Que he com que a gente nas funções se engoda.

SONETO.

QUando vejo hum taful todo adamado,
Andando pela rua em via recta,
A's Madamas fazendo huma careta,
Nas doces expressões todo esmerado.

Quando o vejo no Cáes de braço dado,
Rindo muito, contando muita peta,
E medindo as estrellas com luneta,
Curto da vista, mas afidalgado.

Doze demandas só ver-lhe desejo,
Doze crédores a pedir dinheiro,
Huma Sogra, qual outro percevejo.

Huma mulher de genio formigueiro,
Nove filhos pedindo pão, e queijo,
E depois pôr-lhe prompto hum enfermeiro.

SONETO.

SE virdes huma Dama mui composta,
Affectando desdem posta a janella;
Meus amigos Peraltas, olho nella,
Que para o casamento está disposta.

Se disser que de versos muito gosta,
Pensando que esta prenda a faz mais bella,
Fazei-lhe dar bastante á taramela,
Ouvireis lindas coisas em resposta.

Se vaidosa ostentar de fidalguia,
E fallar hum Francez Grego enxertado,
Não lhe falteis com huma Senhoria.

Mas fugi de tomar com ella estado;
Que haveis só ter por dote nesse dia,
Hum chale, humas anquinhas, hum riçado.

SONETO.

MAncebos deste tempo, álerta, álerta,
Que o raio sobre vós está cahindo,
Quanto mais os toucados vão subindo,
Mais o bom matrimonio vos desperta.

Da liberdade a perda he quasi certa,
Inda vão nos ouvidos retinindo
Tristes écos de alguns, que estão bramindo
Pelo jugo, que tanto os desconcerta.

Eu não me opponho ao santo casamento,
Crimino a Dama, que os defeitos tapa
Com enfeites de méro fingimento.

Desta scena infeliz nenhum escapa,
Tendo só para seu divertimento
Pedir pão a mulher, os filhos papa.

SONETO.

NAsce o menino em tudo o mais perfeito,
E nasce huma função do baptizado;
He no berço o pequeno então deitado
Sem que a mãi o separe do seu peito.

Vai creando o rapaz muito a seu geito,
Palminhas, e tété soffre o coitado,
Falla, cresce, mas he tão mal creado,
Que á India vai parar, torto, ou direito.

São vaidosos os Pais, que por desgraça
Tem, que os filhos aprendão bons officios,
Com que no mundo tanta gente passa.

Da soberba provém mil precipicios,
E a solta mocidade só abraça
A infame tropa dos infames vicios.

SO-

SONETO.

MEnina, venha cá, veja o que faz,
Se por seu gosto o casamento quer,
A vontade ao marido ha de fazer,
Que esta pensão o matrimonio traz.

Se muito velho for, ou for rapaz,
Tome sempre a lição, que elle lhe der,
Se funções, contradanças não quizer,
Não as queira tambem, para haver paz.

Sempre o gosto lhe faça em toda a acção,
Trate de sondar bem todo este vão,
Se não quizer a sua perdição.

A mulher faz o homem bom, e máo,
Que hum homem resoluto, e maganão,
Assim como dá pão, póde dar páo.

SONETO.

DItoso Pai, que soube a seu contento
Crear as filhas nas funções de estrondo,
Dança, jogo, passeio, em fim dispondo
Tudo para o melhor divertimento.

Feliz Mái, que não dá consentimento
A que a estriga na roca se vá pondo,
O tempo de algum dia descompondo,
Tendo por máo hum sério portamento.

Eis-aqui humas filhas bem prendadas,
A mái de bom humor, o Pai gostoso,
Bella gente, funções abençoadas.

Mas corre o tempo, e foi-se o precioso,
Temos as filhas já estuporadas,
A Mái morta de fome, o Pai gotoso.

SONETO.

QUe me faça favor o que me vende
Por metade a fazenda, que lhe ajusto,
Que me faça favor a todo o custo
Aquelle, que de mim nada depende.

Que me faça favor todo o que emprende
Livrar me compassivo de algum susto,
Ter isto por favor he muito justo,
Que de contrario a gratidão se offende.

Mas querer a mulher no matrimonio
Render-me por favor a escolha, o trato
Em cima de a livrar de hum pai bolonio.

Soffrendo a carga toda de apparato,
Huma sogra com genio de hum demonio,
Errorio, não estou pelo contrato.

SONETO.

SEnhor Adão, que he feito do seu mundo,
Onde viveo com tantos descendentes?
O liso trato desses bons viventes,
Tudo vejo n'um somno o mais profundo!

Tomára conhecer o Adão segundo,
Que tanto perverteo as novas gentes,
Que poz costumes taes, e tão diff'rentes
Do seu bom tempo, sem razão, nem fundo.

Ora saia, Senhor, co' a sua enxada,
Venha ver esta turba de casquilhos
Co' a cabeça á marrafe penteada.

Veja, calcule, e note estes sarilhos,
Mas não lhes faça a injúria desmarcada
De cá no mundo lhes chamar seus filhos.

SONETO.

SEnhor Tetas, que pela rua salta;
Fazendo correzias encolhido,
Se juizo quer ter, tome o partido
De pôr huma aduéla, que lhe falta.

Náo se inculque co' as Damas táo paralta,
Náo se faça nas modas presumido,
E se os créditos tem de bem nascido,
Náo se queira fazer gente da Malta.

Trate da vida mais, deixe as meninas,
Tome de seus Avós o termo sério,
Náo se faça estafermo das esquinas.

Náo ostente no Mundo tanto imperio;
Porque as Marcias, Esbellas, e Nerinas
Háo de pôlo na India, ou Cimiterio.

SONETO.

DIzer pela manhã que está doente,
Ir aos banhos do mar em liberdade,
Fallar-lhe o Primo lá muito á vontade,
Coisa que em casa o Pai lhe não consente.

Voltar do banho, com desdem, contente;
Por ter do seu amor morto a saudade,
O tolo Pai com cara de piedade
Chorando ver a filha tão doente.

Dormir a sésta, levantar-se boa,
Desgrenhar n'um espelho a grenha eterna,
Ir visitas tomar, fallando á tôa.

Eis-aqui a lição, que hoje governa,
Eis-aqui, meus Marrafes de Lisboa,
Huma Dama da fábrica moderna.

SONETO.

SEnhor Pai de familia, tome tento,
Não a mostre, se a quer ver recatada,
E disto, a que chamamos Paraltada,
Só á porta lhe aceite o cumprimento.

A' filha, que tiver, busque hum Convento,
Para ser da madrinha acompanhada,
Que no ralo, e na grade acautelada
Se quer ser má, he só no pensamento.

Se o conselho não toma, a Deos donzella,
Pobre Pai soffrerá mil companhias,
Que a casa lhe hão de vir com o olho nella.

E depois já no resto dos seus dias
Vestida ao Carmo espere que ha de vêlla,
Que he uso das que ficão para Tias.

Perdendo sempre o Author no jogo do Gamão.

SONETO.

GAmão mofino, meu flagello eterno
Contra mim por costume conjurado,
Socio perverso do implacavel fado,
Aborto horrendo do profundo Averno.

Por ti perde a prudencia o seu governo;
Jogo maldito, jogo desgraçado,
Veneno das boticas estimado,
Ficção dos melancolicos no Inferno.

Modera por hum pouco a tyrannia,
Que assim fundas melhor os teus enganos,
Applacando essa barbara profia.

Se pertendes cruel sempre os meus damnos,
Deixa-me só ganhar, se quer hum dia,
Se me queres lograr por muitos annos.

Mudando-se o Author do Lumiar para Lisboa, e desfazendo-se de hum Jumento, que o conduzia.

SONETO.

MEu Burro, he tempo de fazer mudança,
Para a Corte me vou sinto deixar-te,
Queira a fortuna encontres n'outra parte
Da ração costumada a segurança.

Em nada fazer deves confiança,
Que tudo no melhor póde faltar-te,
Em paz te vendo, irás accommodar-te,
Confórme o tempo, pois não és creança.

Se algum dia na Praça da Figueira
Te encontrar de hortaliça carregado,
Não te chegues a mim posto em lazeira.

Mas se quizeres melhorar de estado,
Faze-te Oppositor a huma cadeira,
Em que se assenta a Dama de riçado.

SO-

SONETO.

CHegou Lisboa a tão perverso estado,
Que dos paraltas a incansavel roda
Pratica até com Deos hum trato á moda,
Por não fazer se o que he ha muito usado.

Todo o taful nas modas enfronhado,
Repare ou não repare a gente toda,
Como quem vai á sala de huma boda,
Ouve Missa, ora em pé, ora sentado.

Já se não usão contas n'algibeira,
Dizem que he traste só d'huma creança,
Nem dão graças a Deos, he forte asneira.

Sentão-se á meza, fartão bem a pança,
No fim arrojão todos a cadeira,
Sôa a rabeca, e vai-se á contradança.

SO-

Ferve-me n'alma o roedor ciume.

Mote glozado pela nova Escola.

SONETO DE ÓPIO.

HOrridas tubas pelos ares sôão,
Do tetro Averno as Furias monstruosas,
Résurgindo das grutas pavorosas,
Com furibundo estrepito revôão.

Infestas aves, lugubres povôão,
Do Lethes negras margens paludosas,
Tantalo solta vozes horrorosas,
Da Morte os brados todo o campo atrôão.

Contra Egipio, e Timandra, que alli gritão,
Afia Amor o dimicante gume,
Os chamijantes zelos mais se excitão.

Assim sou eu, que ardendo neste lume,
Tuas ingratidões me precipitão,
Ferve-me n'alma o roedor ciume.

SONETO.

DE papeis vejo tal epidemia
Por toda esta Cidade de Lisboa,
Que figura não ha nem má, nem boa,
Que com papeis não lide noite, e dia.

Sobre papeis se pede huma quantia,
Com papeis se desculpa esta pessoa,
Com papeis todo o Mundo nos atrôa,
Cartas, roes, petições, quem tal diria.

Em cartuxo o dinheiro reprezado
Fica em poder de trémulos forretas,
Donde não torna a ver o Sol dourádo.

Não gyrão mais do que papeis, e petas;
Sobre os cofres lhes caia hum bom machado,
Máo caruncho lhes dê pelas gavetas.

SONETO.

TOda a gente em Lisboa anda arriscada
A ter mil perdições no seu caminho,
Que hum Carreiro, hum Lacaio, hum Ribeirinho
Deixárão sempre a gente enxovalhada.

A Madama mais séria he salpicada,
Inda que leve os fatos n'um pontinho,
E se ao seu lado traz hum homemzinho,
Razão puxa razão, ella travada.

Dá daqui, dá dalli, quem deo primeiro,
He bem que com Justiça prezo seja,
O'pio de gosto para o Carcereiro.

Houve muita páolada na peleja,
Encarceratus est no Limoeiro,
Muitos annos sem mim por lá se veja.

Á Loteria.

SONETO.

Hum bilhete tirei em certo dia,
Por sinal me custou moedas duas,
De Lisboa corri todas as ruas,
Atrás dos mappas desta Loteria.

Hum a sorte maior me promettia,
Outro, que tão feliz fosse nas suas,
Forão-se assim passando Soes, e Luas,
E de vãs esperanças me nutria.

Sempre dinheiros ha bem mal fadados,
Nem vinte réis sahírão por meu damno,
E expirárão quarenta mil cruzados.

Peor he não ter disto o desengano,
Teimoso inda hei de ser por meus peccados,
Vou ganhar outras duas para o anno.

Fez o Author no dia dos seus annos o seguinte

SONETO.

HOje faz annos, em que a vez primeira
Vim á brilhante luz do claro dia,
Meus Pais cheios de gosto, e de alegria
Os seus tantos vintens dáo á parteira.

Fui galante em pequeno, e lisongeira
A Fortuna nos braços me trazia,
Eu bem pouco chorei, mas se me ouvia,
Vinha logo calar-me sem canceira.

Passados alguns annos, náo me olhava,
E fugia de mim com arremesso,
Mas era quando a falsa me roubava.

Furtou-me tudo de melhor apreço,
Foi repartindo, quanto me tirava,
Por certos figuróes, que hoje conheço.

Definição do Amor.

SONETO.

HE Amor, ó Mortaes, hum pensamento,
Que se cria nos braços da incerteza;
He cadêa, que traz a vida preza,
Fabricada nas mãos do fingimento.

He dos olhos pestifero alimento;
He golpe, que não póde ter defeza;
Tardio desengano d'alta empreza,
Edificio com pouco fundamento.

He mal, que o mundo tem contaminado;
Só o julga por bem, quem o pertende,
Em quanto se não chama desgraçado.

E porque o mesmo mundo o não comprehende,
He Amor finalmente, em todo o estado,
Labyrintho, no qual ninguem se entende.

SO-

SONETO.

AQuelle, que de Amor se achar ferido,
E viver no principio satisfeito,
Prepare para os fins o debil peito:
Que ha de vêllo em desgostos confundido.

Por taça de oiro muitos tem bebido
Encoberto veneno a seu respeito:
Conhecendo depois o duro effeito
Dos laços, em que tantos tem cahido.

Amor he sombra vá, huma apparencia,
Occulto precipicio dos humanos:
Ditoso o que lhe mostra resistencia.

Fugi, Mortaes, com estes desenganos;
Que antes fugir, sem ter delle experiencia,
Que depois de soffrer seus crueis damnos.

Ao Illustrissimo Senhor Conselheiro Theotonio Gomes de Carvalho.

MEMORIAL.

Minha rude, e frouxa Musa,
Despe as roupas enlutadas,
Novo Protector te enxugue
Essas lagrimas cançadas.

A' sombra do bom Carvalho,
Te deves, Musa, acolher;
Sem que lhe sejas pezada,
Vai pedir, vai requerer.

En-

Encontrarás digno Heroe
Com tão pio coração,
Que aos que viste decahidos,
Ergueo com benigna mão.

Se tanto, ó Musa, prezaste
Hum Protector compassivo,
Neste, que o Ceo te destina,
Tens delle hum retrato vivo.

Altos dons do teu Manique
Nunca apagues da lembrança,
Porque assim melhor conheças,
Que não perdes na mudança.

Longe do teu pensamento,
Vís monstros, que o mundo tem,
A quem lembra o beneficio,
Só em quanto lhes convem.

As acções de humanidade,
Que a tantos vemos fazer,
Nem a Morte, nem o Tempo
Podem ter nellas poder.

Embora os genios ingratos
Fujão da luz da razão,
Mas não sejas, minha Musa,
Notada de ingratidão.

Busca o novo Protector,
Conta-lhe a tua desgraça,
Que elle sabe enternecer-se
Dos males, que hum triste passa.

Decépa á calúmnia as fauces,
Vale a afflictos, rime a pobres,
Qualidades inherentes
Sempre aos espiritos nobres.

Eia, Musa, cobra alentos,
Enche o rosto de alegria,
Que hum sério continuado
Muitas vezes enfastia.

Conta-lhe em rimados versos
Quanto a Fortuna me inquieta,
Que deste modo he que são
As lagrimas de hum Poeta.

Para hum pranto armonioso
Não só hajão *Tolentinos*,
Quando livres querem ser
Da cadeira, e dos meninos.

Dize-lhe, que em outros tempos
Passava nocturnas horas
Os meus desastres cantando
N'uma roda de Senhoras.

Que

Que livrar-me dos meus damnos
Immensas me promettiáo,
Mas taes nuvens de esperanças
Em breve se desfaziáo.

Que humas bemfeitoras Velhas,
A quem devo a creação,
Na falta de térnos Pais,
Me deráo ensino, e páo.

Que o breve gyro dos annos
Fez crescer estas idades,
Já curvadas sobre a terra
Soffrem mil calamidades.

Que huma justa gratidáo
De hum humano sentimento
Faz, que do pouco que tenho,
Lhes ministre algum sustento.

Que nova pensão me liga,
Porque o Ceo o destinou.
Nas prizões do Matrimonio,
Onde o pezo se augmentou.

Casas de honradas Familias
São as duas a que acudo,
Que para em pé se susterem,
Preciso de hum grande estudo.

Que os Crédores muitos são,
Por meu mais crescido mal,
Que vem o quartel, e eu fico,
Como dantes, sem real.

Das bolsas estafadores,
Hum amigo, outro contrario,
Quaes sanguexugas me cercão
Na mesma escada do Erario.

Que

Que eu sei como se resiste,
Mas he com perverso meio,
E não quer a consciencia,
Que eu deva o suor alheio.

Que em pequeno me contavão,
Estas Velhas ao serão,
Que havia no tempo antigo
A varinha do Condão.

Que saber hoje desejo,
Se outra vara appareceu,
Que fosse contraria áquella,
Porque a havella, tenho-a eu.

Segura-lhe, minha Musa,
Que não sou perdido, não,
Que não tem feio desvio
Dinheiro na minha mão.

Que se huma vez por milagre,
Lhe vou pôr as máos, e a vista,
Náo faz a conta mais justa
Nem o melhor Calculista.

Que em contas sendo pequeno,
Quatro especies fui seguir,
Mas por uso só me applico
A' conta de repartir.

Conta-lhe os meus infortunios,
Conta-lhe bem este estrago,
Porque se lembre de mim
No primeiro lugar vago.

Dize-lhe, que ainda agora
Algum cabimento tem
Hábil Fiscal, que administre
O Pescado de Belém.

Di-

Dize-lhe, que em outras eras
Com promessa de ordenado
Zeloso genio de Angeja,
Me fez Fiscal do Pescado.

Que fui por esta estação,
Descaminhos cohibir,
Que a Cesar o que he de Cesar,
A todos fiz exhibir.

Lembra-lhe arriscados p'rigos,
Em horas bastante inquietas,
Que altanados Cabazeiros,
Não respeitavão Poetas.

Que os Crédos das boas Velhas,
Rezados noites inteiras,
Forão só quem me livrárão
De pedras, e recoveiras. (*)

Que

(*) Recoveiras, nome proprio dos páos, que trazem os Cabazeiros.

Que por licitos caminhos
Os passos sigo de honrado,
Que tenho todo o direito,
Para ser bem despachado.

Que a razáo, que me acompanha,
Náo me descobre outro meio,
E que pedir a quem póde,
He hum pedir sem receio.

Que da Parca a máo impia,
Me roubou quem me amparava
Fazendo se errasse a conta,
Das contas, que entáo deitava.

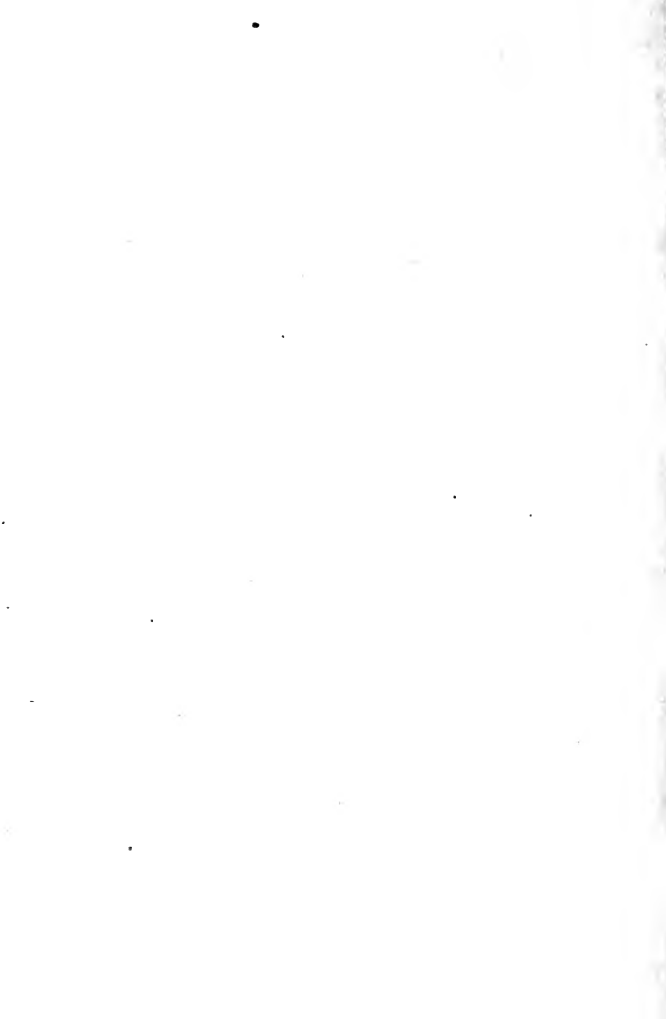
Que estas scenas tão funestas
Fazem tudo esmorecer,
Vedada a nós a razáo,
Porque as vemos succeder.

Que

Que no seu braço confio,
Sem que mais nada me reste,
Que me não chame importuno,
Que o jogo do Mundo he este.

Aviva-lhe, minha Musa,
O meu damno tão fatal,
Na piedosa mão lhe entrega
Este meu Memorial.

Protector lhe chama, e Pai,
E o Sabio despacho vê,
De quem amparo lhe pede,

E receberá Mercê.

Ao Senhor Alexandre de Aguiar.

EPISTOLA I.

MEu Aguiar, a quem estimo, e prezo:
O tempo, caro Amigo, que desfructas,
Humas vezes á sombra dos Olmeiros,
De espingarda, e matilha acompanhado,
Outras vezes nos Livros incançavel,
As bellezas buscando da Poesia,
Como a dourada abelha, que procura
Das matizadas flores o mais util;
Desafia-me a inveja, e faz que eu chore
A falta de tão bella companhia:
Lá nessas praias do tranquillo Téjo,
Vendo luzir as esmaltadas conchas,

Ar-

Armas subtil aos mudos nadadores
Seguro laço, a que escapar não podem;
Alli ouves Nereidas delicadas
Cantando em torno da formosa Doris,
A Theogonia dos Marinhos Deoses;
Alli divisas ondeando os campos,
Como no mar as argentinas vagas,
E ouves o canto pelos densos bosques
Da constante, e saudosa Filomela;
Alli contente as bellas Pastorinhas,
Ora illudindo em lisongeiras vozes,
Ora com mil protestos palavrosos,
Onde a verdade nunca entrada teve;
Muitas vezes me lembra essa campina,
Onde de niveos braços enlaçado,
Com Jonias, com Tircèas, com Marilias,
Gozava a viração da fresca noite,
Quando nascia a prateada Lua,
Ouvindo a triste rá por entre os limos,
Que a face cobrem dos lodosos charcos,
Cercado dos Insectos fuzilantes,
Que as mais serenas noites annuncião,
E das lindas Pastoras perseguido,
Levantava mil danças, mil figuras,
Mandulino afinado, as novas modas,
Cantando com prazer, fazendo versos

Aos

Aos olhos negros da querida Amalia:
Poucos sabem viver co' a sorte sua;
Eu sou hum delles, que viver não posso,
Não póde costumar-se a tristes scenas,
Que a multidão da Corte tem comsigo,
Hum genio jovial, sempre inclinado
A's nove Irmãs do bipartido monte;
Louvando altas Preladas nos outeiros,
Ou em brilhantes salas festejando
Felices annos da escolhida Prima,
Da Mãi formosa, da Madrinha amavel,
Já fazendo Jessés, cruzando os Pares,
Dobrando as alemandras, e cadêas,
Rematando depois esta fadiga
Fumegantes Poncheiras, finos doces,
Q' incendeão a vaga fantasía.
Fugirão-me estes tempos venturosos,
Pezada dependencia me sujeita
A ir fiscalizar maduros vinhos,
Rodeado da funebre caterva
De ligeiras figuras de Meirinhos,
Homens da vara, de Peruca antiga,
Fazendo correições, ouvindo choros,
Regendo as quatro Portas da Cidade;
Quanto mais agradavel me seria,
Comer comtigo em franca lauta meza,

A' fresca sombra de enramadas vides,
A flautada Lampreia, o fresco Savel,
Os verdes Espinafres esmaltados,
Com duzia e meia de escalfados ovos;
Huma tenra Perdiz bem adubada,
O cevado Capão, nedea Leitôa,
Entornando-lhe em cima a tres saudes
Do espumante licor huns bons tres copos;
Isto, Amigo, eu desejo, mas não posso
Desviar-me das cousas, em que lido,
Nem cumprir o meu gosto, que em tortura
Geme, e se afflige; *verbi gratia*, agora,
Que eu queria voando pelos ares,
Mas que fosse na máquina moderna,
Ajudado do Gaz, que a fortalece,
Ir ter comtigo o Pampinoso Outono;
Mas ainda virá tão feliz tempo,
Que junto á valla, que o teu prazo corta,
Nos sentemos á sombra das nogueiras,
Da fresca tarde as horas desfructando,
Então leremos com prazer immenso
O bom Camões, Bernardes, Lobo, Castro,
Livros de sabios genios produzidos,
Onde póde louvar-se o doce verso,
Acompanhado da arte, e natureza.
Longe de nós as lingoas venenosas,

Que só pertendem affectar sciencia,
Sonetos semeando em toda a parte,
Com trezentas palavras exquisitas,
Vestindo os montes de lapideas Tógas,
Com Portuguez em tudo desusado;
Mas desta ordem já poucos encontro,
A maior praga, que em Lisboa temos,
São huns meninos chefes de altas modas,
Entulhos dos cafés, e dos bilhares,
Mostrando escritos da chorosa Dama,
Em que a pena debuxa a aguda seta
Atravessando hum coração de riscos,
E com basofias mil nos vão contando,
Do bom carro de campo, e do machinho,
Que foi trocado por malhada Faca,
Ruina do louceiro em longa Feira,
Que o esbelto Taful foi de hum galope
Fazer-lhe paz de pirolo na louça.
Estes são, bom Amigo, os monumentos,
Que estes grandes Heroes nos vão deixando,
E sem que emendar vão proprios defeitos,
Mettem a fouce na seara alheia;
Eu bem sei, que não tiro disto fructo;
Mas sempre mostro ao Mundo, que os conheço.
Elles sem mais lição, nem maior fundo,
Em tudo querem dar solta pennada,

São

São esfaimados Cães, que á Lua ladrão,
Os que cortão os miseros Poetas.
Querem ser huns Catões á nossa custa;
Huns já dizendo, que não tenho estudo,
Outro, que não entende esta Poesia,
Que não gosta do verso, de que eu uso;
Que este verso, a que chamão verso solto,
Sem o doce zum zum dos consoantes,
Não faz boa armonia nos ouvidos,
Que mais parece prosa, do que verso:
E nem se quer conhecem quanto custa
Guizar hum prato ao paladar de todos.
He certo, que não tenho altos principios,
Mas por esta razão eu não imprimo
Heroicos Poemas, nem Tragedias,
E já mais atrevido me abalanço
A's emprezas maiores, do que as forças:
Mas como com os sábios vou seguro,
Que importa, Amigo meu, que os maldizentes
Com gosto digão mal das obras minhas,
Elles mesmos serão inda feridos
Com o canino dente, com que ferem:
Elles que digão bem, que mal, que monta? *
Sempre os que menos sabem, mais reprendem: *
Dizia o nosso Mestre, o meu Bernardes:
Não me leves a mal, que eu influido,

No

No rancor, que jurei a taes figuras,
Fosse alongando tanto o meu discurso:
Feliz, e bem feliz tu, que lá vives,
Sem que te empeça táo perverso vicio,
Queira o Ceo conservar-te nesse estado,
Que he o mesmo, que eu tenho desejado.

Ao Senhor Belchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Siqueira, Fidalgo da Casa de Sua Magestade.

Entre os Arcades de Lisboa.
Belmiro Transtagano.

EPISTOLA II.

BElmiro, meu Belmiro, que te prezo,
Não pódes duvidar, se bem reflectes
No liso trato, na expressão sincera
Da amizade fiel, que te consagro;
Da razão na balança toma o pezo
De huma amizade candida, e prudente,
E observa a differença, que lhe encontras,
Daquella, que he fingida, e só creada,
Para nutrir o pérfido interesse;
Que lindas apparencias, que patranhas,
Qual pirula amargosa, e bem dourada,
Se mostrão nestes genios encobertos:

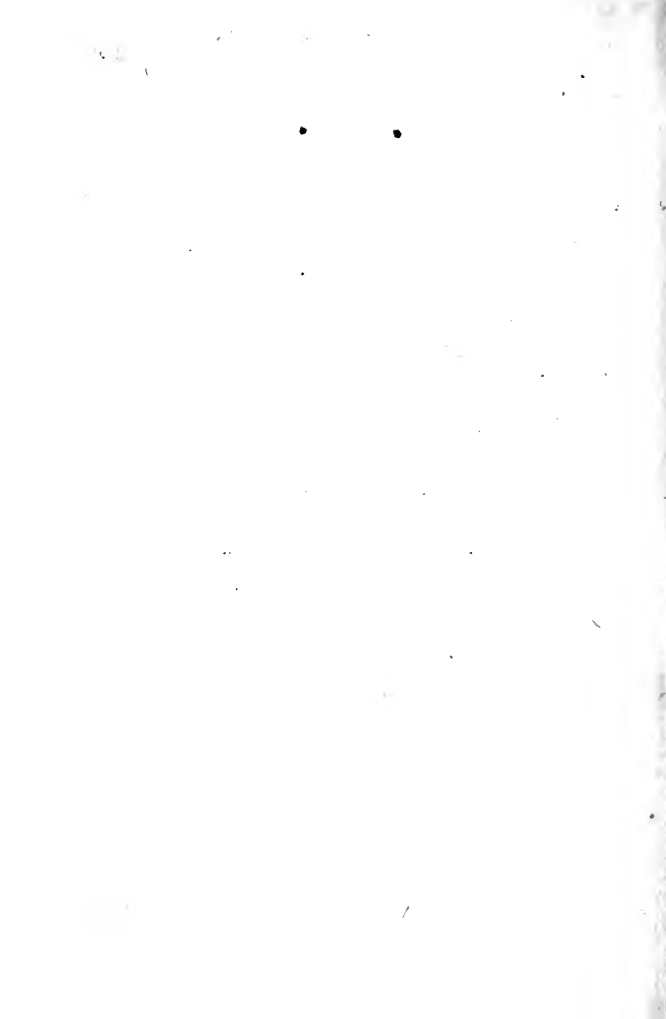
Quando encontrares, meu Belmiro, hum destes,
Toma por defensivo a mal tão forte,
O perguntares só pela saude,
Quatro palavras mais de comprimento,
Como passa a Madama, e seus Meninos,
E foge-lhes com toda a brevidade,
Antes que venha subtilmente o laço,
Fazendo-te sahir a triste bolsa,
Donde querem por força estes amigos,
Esgotar os vintens, que lhes não custão:
Nós vemos por Lisboa taes labercos,
Que apenas nos divisão pelas ruas,
Dando-nos piparotes no vestido,
Tirando-nos o pó com santo zelo,
Nos enchem de elogios, e cortejos,
Acabando a Missão, que lhes não pedem,
Em querer emprestado hum quarto de ouro,
Pequeno, e ultimo resto, que faltára,
Para fazer hum grande pagamento:
Chama-se a isto hum ópio fomentado,
Pois nos esfregão para andarmos limpos,
Não so de pó, mas inda de dinheiro.
Eu vejo me atacado, quasi sempre,
Por certos individuos deste lote,
A quem mil vezes peço, que me deixem,
Que empreguem os seus tempos ociosos
Com certa laia de Morgados fofos,
A quem cançados Pais no testamento
Deixarão prenhe cofre a tres amarras,

Mi-

Milagre do Negocio em papel pardo,
Ou da faminta usura praticada,
Com mil rebatimentos, mil ajustes:
Estes podem affoitos dar a penna,
E quartel á tolá, sem muito custo,
Que lançando trezentos perdigotos,
Cabeças ocas de juizo faltas,
Fantasticas figuras farofeiras,
Em Jogos, Assembléas, Romarias,
Dáo co' a casa, e seus moveis em Pantana,
Que se da fria campa resurgisse
O morto Velho, que ajuntára a xelpa,
Com eterna casaca de Inventario,
Que seu terceiro Avô comprou na feira,
De novo hum estupor então sentíra,
E co' as mãos na cabeça perguntára
Pela caixa de prata a dois tabacos,
A bandeja de concha de alto pezo,
As duas guarda-roupas de embutidos,
Que vinte Mariolas carregárão,
E outros moveis mais, que a antiguidade
Em sua casa reservado tinha,
E o louco banazola estupefacto
Fugindo da figura subterranea,
A nada respondêra, e dando as costas,
Chicotinho na mão, botas, e esporas,
Ei lo na Faca mestra galopando,
Que Madama Brégér já anciosa,
Com cuidado, e saudades do Menino,

Tres

Tres convulsões tem tido successivas:
Destas boas cabeças rodeado,
Mil vezes te has de ver, como eu me vejo,
Apezar de benzer-me, quando saio,
Só porque o Ceo me livra desta praga.
Poucos ha, com que a gente possa a farto
Desaffogar o coração oppresso,
Que não temos senão cartas cobertas,
Quando se trata de amizade pura.
Huns começão por vís Aduladores,
Outros com lingoa atróz de palmo e meio
Nos cortão pelas costas os vestidos,
'Alfaiates da moda, cujo officio
He virar a casaca em todo o tempo;
Tambem ajunto a esta qualidade
Huns entulhos do alegre Cáes da pedra
Onde junta se faz, e se decide,
Quando Condé será reconquistada,
E junto ao Rhim, Jordão batido, e prezo;
Outro sahe c'um invento, que fizera,
De levar sobre Maquinas volantes
A's Praças bloqueadas mantimentos,
Invenção infeliz, pois já se queixa,
Que por ser Portugueza, não lha approvão.
Alli governa o vasto Mundo em secco,
Té que vem concorrendo as bellas Ninfas,
A quem sagaz receita põe libertas,
Para os passeios, que dão tom á fibra.
Em fim, meu bom Belmiro, he-nos preciso
Es-

Fstudarmos o mixto proveitoso ,
Para o contraveneno do contagio ;
E se acertarmos , desde já seguro ;
Que háo de haver muitos genios , que nos sigáo.
Fica em paz , té que a minha paciencia
Peça de novo á Musa hum desabafo.

Ao Senhor Roberto Nunes da Costa, Professor Régio de Grammatica Latina, de quem o Author foi Discipulo.

EPISTOLA III.

CAro Roberto meu, Alma singela,
Dos vicios affastada, que dominão
Essa chusma de espiritos contrarios
Da candida Virtude.

Tu, que sabes pezar do Mundo a ordem,
Que nem alta fortuna, ou vil desgraça,
Novidade te faz, porque ponderas,
O quanto são falliveis.

Tu,

Tu, que só sabes linguagem pura,
Sem o váo artificio, que a mascára,
Esta sendo a lição, com que illuminas
A docil Mocidade.

Tu, que fazes a escolha mais segura,
Dos genios mais sinceros, e prudentes,
Que o poder da verdade, e da virtude
Na infancia me mostraste.

Que os cargos, as riquezas, jámais prézas,
Não se ornando das bellas qualidades,
Que erigem o Padráo da immortal gloria
No trafego do Mundo.

A ti louvarei sempre em brando verso;
Quizera o Ceo, que em nossos breves dias
A doença tenaz, que te flagella,
Ao Báratro fugisse.

Não deixaráõ saudade áquellas almas,
Que rendem culto ao sofrego interesse,
Cruéis perturbadoras do socego
Dos miseros humanos.

Huns peitos retrahidos, que no Mundo
Só tratão de fazer partido, e jogo,
A' custa da desgraça, que fomentão,
Contra quem os ampara.

Estes serão riscados da memoria,
Como Apostatas vís da raça humana,
Mordazes figurões desvanecidos,
Que o Mundo nos entulhão.

Mas tu, benigno, suspirado Amigo,
Serás por nós chorado eternamente,
E a mesma Patria, a quem de tanto serves,
Honrará o teu nome.

Porém não nos enlute esta lembrança,
Concede-me o mudar aqui de estilo,
Gracejemos hum pouco neste resto,
Por divertir-te o tempo.

Já que tens revolvido a Medicina,
Para adoçar o mal, que te persegue,
E que por mais, que faças, ves baldadas
As diligencias tuas.

Desterra, caro Amigo, da lembrança
Os votos de huma Junta, que te perdem,
Que basta os serios rostos dos Doutores,
Para acabar a vida.

Ora suppõe seis Medicos á porta
Da escura Alcoba, aonde jaz o enfermo,
E todos de semblantes carrancudos,
Em procissão entrando.

Hum ao pulso, outro á lingoa, aos olhos outro,
Fazem exame, sem dizer palavra,
E como quem quer ver se está maduro,
Outro o ventre lhe apalpa.

Vigilante Assistente expõe a série
Da molestia, e progressos, que tem feito,
Quasi sempre se approva o que fizera
O moderno Esculapio.

Eis para quarto occulto de enfiada
Vão huns com outros disputar a cura,
E no triste Concilio se levantão
Questões innumeraveis.

A agoa de Inglaterra jámais falha,
Causticos, vomitorios, sarjas, purgas:
Acaba o tribunal, voltão a cama
Co' a mesma pantomima.

O misero Doente cobiçoso
De saber a resulta do Concilio,
Na cátila fitando os turvos olhos,
Pergunta: *Em que assentárão?*

Eis se esecuta huma vóz, Senhor Fulano,
Hum dessecantezinho sobre o peito,
Tres motilaçõeszinhas sobre as costas,
Xarope de hora a hora.

A meia noite chega, as ancias crescem,
Cortou-se o vital fio, e só bastava,
Para dar, que fazer á freguezia,
Ver em campo estes melros.

Amigo meu, viver com a pevide,
Foge o mais que poderes deste encontro,
Que opiniões diversas, e mexordias
Acabáo meio Mundo.

Ao Senhor Manoel Franco de Siqueira, Amigo do Author.

EPISTOLA IV.

MEu Franco, a mal não leves que hoje queira
Fazer-te huma Missão, seja a primeira,
Que abracem teu juizo, e pouca idade;
Igualmente a experiencia, e amizade,
Que no meu coração tens conhecido,
Fazem com que te queira prevenido,
Contra o damno maior, que por bem temos,
E em que tantos mortaes perdidos vemos.
Da formosa Sereia encantadora,
Que a vaidade dos Homens préza, e adora;
Do fragil sexo, e perfida belleza,
Que he o parto infeliz da natureza;
Da mulher finalmente, cujo damno
He toda a perdição do peito humano,
Eu tratarei agora, e dos agrados,
Com que os homens se enganão desvelados.
Attende esta expressão, em tudo justa,

Nos

Nos conselhos, que dou á propria custa.
Formosa ao longe, mas mortal ao perto,
A todos causa precipicio certo:
Os duros corações consome, e prende,
Mil estragos motiva, estuda, emprende;
Qual grossa lente os raios ajuntando,
Com lento fogo vai tudo abrazando,
Tal a mulher reduz na ardente chamma
Em cinza o coração, que préza, e ama.
Dos olhos fórma venenosas setas;
Deixa peitos mortaes, almas inquietas,
E supposto nos mande a natureza,
Estimarmos os dons de huma belleza,
Nunca risques do vago pensamento,
Que o mesmo he ser mulher, que fingimento,
E tem por nos causar maior cuidado,
De neve o rosto, o peito bronzeado.
Quantas encontrarás no vasto Mundo,
Inculcando o respeito mais profundo,
Fingindo que de amor não temem laços,
Que fazem mil prizões em mil pedaços?
Porém com isenção, com arte, e idea,
Te hão de formar mais rigida cadêa.
Longe, longe de ti tão féro enredo,
Que ha de precipitar-te tarde, ou cedo.
Receia amor, meu Franco, caro Amigo:
Quem amor teme, teme hum inimigo,
Tempestade fatal em mar sereno,
De humano coração mortal veneno;

He

He cégo, he simulado, he fementido,
De corações miserrimos nutrido,
He como a pederneira, que occultando
Fogo devorador, o mostra, quando
A dureza do ferro lhe resiste,
Quando contra a dureza o aço insiste.
Em fim teme a mulher, cuja altiveza
He mais féra, que as féras na fereza;
Quando ostenta doçura, he mais acerba;
E se ostenta humildade, he por soberba.
Teme até da mulher a propria vista,
E faze que a virtude lhe resista.
Vê, que reparte a sua formosura
Disfarçado veneno na doçura.
E se exp'rimenta em homens lealdade;
A paga, que lhes dá, he falsidade.
Da formosa mulher toda a belleza
He apparente bem da natureza:
Traz como a noite escura escuro engano;
He barro, he cinza, he fumo, he desengano.
A pouca duração não he occulta,
O tempo, que a produz, esse a sepulta:
Nasce a mulher, e logo de pequena,
Sem ponderar do mundo a infausta scena,
Busca os enfeites sempre em demasia,
Cança por noite, de enganar de dia;
E he, ou por prendada, ou por formosa,
Quanto mais procurada, mais vaidosa.
Com isenção aos homens faz mais guerra,

Os mesmos, que levanta, póe por terra.
Mas são causa do mal, que os arruináo,
As diversas paixões, que nos domináo;
Que se todos do engano o véo rasgassem,
Se aos conselhos, que dou, se sujeitassem,
Nem por mulher o homem morreria,
Nem ella em se fingir estudaria.
Os corações seriáo mais sinceros;
Teriáo mais brandura, os que são féros.
Para fallar do amor de huma mulher,
Mais do que expresso fica por dizer;
Que para pintar bem esta cadeia,
A pena cança, e cança a mesma ideia.
Já Marilias, e Jonias me prendêráo,
Mas hoje choro o damno, que tecêráo:
E ainda em cima faltas de piedade,
Chamáo fineza á mesma falsidade:
Depois de me fazerem desgraçado,
Pertendem, que lhe fique inda obrigado.
Pagáráo mal paixáo táo verdadeira,
Muitos chamáo-lhe amor, mas foi cegueira.
Segue, meu Franco, segue o teu Josino,
Que elle tem da exp'riencia o douto ensino.
Estimar este sexo eu acho justo,
Devemos estimallo a todo o custo;
Mas com tal medianîa ha de ser feito,
Que náo pare em amor, o que he respeito;
Ellas com fingimentos tudo affagão,
E elles infelices he que pagão.

Mulheres são, qual rigido diamante,
Que tendo alto valor em ser brilhante,
Inda o mesmo luzir, que a gente preza,
Não lhe tira de pedra a natureza.
Se o teu peito viver de amor ferido,
Siga o meu parecer, que aqui tens lido,
Resista com esforço, sem segundo,
Aprenda nos espelhos deste Mundo,
Na confusão da vida sempre estude,
Saiba o que custa amor, e o que he virtude.

Carta escrita ao Senhor José Epifanio da Silva, Professor Régio de Grammatica Latina.

EPISTOLA V.

QUINTILHAS.

EPifanio, caro Amigo,
O piedoso Ceo te ajude,
Nunca vejas inimigo
O teu fado, e com saude,
Desfructes hum doce abrigo.

Náo te enfade a narraçáo,
E se te causar espanto,
Além das cousas, que váo,
Dissera ainda outro tanto,
Mas sei, que he malhar em váo.

Di-

Direi só a menor parte,
Do que por Lisboa vejo,
E podes capacitar-te,
Que estar comtigo desejo,
Para de tudo informar-te.

Lisboa está desgraçada,
Não sei quem tal damno fez,
Eu vejo-a contaminada
De hum louco trajar Inglez,
E de gente afrancezada.

Era em Lisboa o primeiro
Hum Portuguez algum dia,
Tinha o vadio letreiro,
Com mais gosto se vivia,
Girava mais o dinheiro.

Hoje os que affectão de Inglezes,
He que tem apreço nella,
E vão estas boas rezes,
Tratando de bagatella
Os pacatos Portuguezes.

Aqui

Aqui chega hum sem segundo,
Homem no Minho creado,
Que já vio do mar o fundo,
E diz que tem viajado
As quatro partes do Mundo.

Na Russia, Tartaria, e China,
Diz que proezas tem feito,
A tomar Praças ensina,
Confessa, que peito a peito
Fez por lá muita chacina.

Conta de muitos banquetes,
Que lá vio a vez primeira,
Mostra a fórma dos bofetes,
Mostra a casta da madeira,
De que fazem tamboretes.

Diz, que he d'alta Jerarquia,
Que militou no Certão,
Mostrou a Patente hum dia,
Firmada pelo Grão-Káo,
Com letra, que ninguem lïa.

Mas falle o Neutral Café,
Onde em magotes diversos,
Huns de assento, outros em pé,
Cortão prosas, cortão versos,
Pondo Authores de má fé.

Hum deslustra inda o que preza,
Tudo de menor tratando,
E a falta de singeleza
Logo nos vai intimando,
Que he politica Franceza.

Outro contraste da moda,
Monsieur de tal aponta,
Que com mil negocios roda,
Que lhe dá rapé em conta,
Pois toma a partida toda.

Porém este bem fadado,
Por mais que estas cousas conte,
Sempre ate aqui tem comprado
Os seus dez reis de simonte,
Que se traz rapé, he dado.

To-

Toquemos as outras gentes ,
Que neste Café vou vendo ,
E fallarei nos dementes ,
Que as Marcias satisfazendo ,
Vivem no Mundo contentes.

Lá se vê hum soberbão ,
Posto ao Wist intumecido ;
Porque tem mais hum tostão ,
He das Damas attendido ,
Mas homem sem creação.

Hum fofo Negociante ,
Que usuras mil aprendeu ,
Foi no principio hum pedante ,
Mas hoje em rolhas , e breu ,
Já leva a fortuna avante.

Quando a gente atropellando ,
Fervida Berlinda roda ,
Nos assentos ondeando
Taful esbelto da moda ,
Vai de soberbo assoprando.

Eu

Eu vejo o bom Pai sesudo
Chorar na sua velhice,
Ter filho táo nescio, e rudo,
Que enfronhado na fofice,
Vai dando cabo de tudo.

Vejo certos figurões,
De roupão, chapéo redondo,
Aprendizes de ladrões,
Que hum destes já me hia pondo
A faca por dois tostões.

Outro me pede emprestados,
Chapéo, relogio, espadim,
Taes moveis são desgraçados,
Na Adela, e jogo tem fim,
Vendidos, ou empenhados.

Sei de Tratantes mui rudos,
Que o bom oculo comprárão,
Piscão os olhos sesudos,
Affectando, que gastárão
Toda a vista nos estudos.

Hum

Hum me diz, que he Bacharel,
E que disto lhe resulta,
Por hum Amigo fiel,
Vir na primeira Consulta,
Juiz de Fóra de Argel.

Tambem a amizade estraga
Homem que affecta de Santo,
Porque o seu Amigo affaga,
Pede-lhe emprestado hum tanto,
Cujo tanto, mais náo paga.

Tambem acho, se procuro,
Huns homens abeatados,
Que se dáo sobre seguro
Tres quartinhos emprestados,
Pedem quatro pelo juro.

Estes feitos Santanarios
Andáo de contas na máo,
Com fallas de Missionarios,
Torpes filhos da ambiçáo,
Finissimos usurarios.

Sei tambem de muitos velhos,
Que inculcáo capacidade,
Dando maduros conselhos,
Com capa de Santidade,
Sáo de mil vicios espelhos.

Mas cá me sóbe á lembrança
Outra casta de gentinha,
Que com toda a confiança,
Vendendo panno, e baetinha,
Querem ser Mestres de dança.

Criancinha mal creada
Fez da terra a conducçáo,
De gadelhinha cortada,
Comendo dez réis de páo
Com huma sardinha assada.

De longa casaca velha,
Vestido ao corpo se faz,
Já virada se apparelha,
E de casaca o rapaz
Na loja o povo aconselha.

Ou

Ou seja ama, ou criada,
Que alli passe, lhe procura;
Se quer silesia encarnada,
Que tem huma muito escura,
Que ha de dar-lha accommodada.

Quasi hum anno he já contado,
Que na loja o rapaz anda,
E já toma a seu cuidado
Querer com cebo de Hollanda
O topete levantado.

Dois lustros passados são,
E porque mais não se affronte,
Tira o que póde ao Patrão,
Aluga loja defronte,
Onde os bons freguezes vão.

Faz negocio da avaria,
Cousas que não durão nada,
Os máos gostos desafia;
Nova fazenda pintada,
Invenção de epedemia.

Por-

Porque se morda o visinho,
Já lhe fazem mal os ares,
Manda pintar hum carrinho,
Compra huma quinta em Colares,
Compra bravo cavallinho.

Ajusta o bom casamento
Com huma, a quem chamou mana,
Depois do recebimento,
Já fica Dona Fulana
Em qualquer ajuntamento.

Em tudo quer dar penada,
Em tudo nos quer fallar,
Té que huma lingoa damnada
Lhe faz o tempo lembrar
Da secca sardinha assada.

Tambem me pasmão ás vezes,
Huns bonecos, que passeião,
Affectando de Amburguezes,
Que eburneo pente meneião
Na cabeça dos freguezes.

Vejo sempre estas figuras
Luzirem com desafogo,
Mas eu suspeito diabruras,
Que o luxo, amigas, e jogo,
Não sahe só das penteaduras.

São estes os meus Senhores,
Que não entendendo nada,
Se julgão sabios Censores,
Mettendo em versos pennada,
Dão a trovistas louvores.

Ouvem-lhes, *fulvos Apóllos*,
Ouvem-lhes, *divinas furias*,
Respondem, que não são tolos,
E pagão-lhe estas injurias,
Com palmas, com chá, com bolos.

Paremos com a pintura,
Que por agora cancei,
Se eu vir, que a vida me dura,
Eu sempre te escreverei
Bens, e males de mistura.

Chamo providencia a isto,
Divirto-me desta sorte,
A tristeza, a que resisto,
Nāo me persegue tāo forte,
Quando estou pensando nisto.

Esta mesma variedade,
Este mesmo desconcerto;
Entretem a nossa idade,
Mas deixa o caminho aberto,
Para gritar a verdade.

Ao Senhor Nicoláo Tolentino de Aguiar, do Val de Santarém.

EPISTOLA VI.

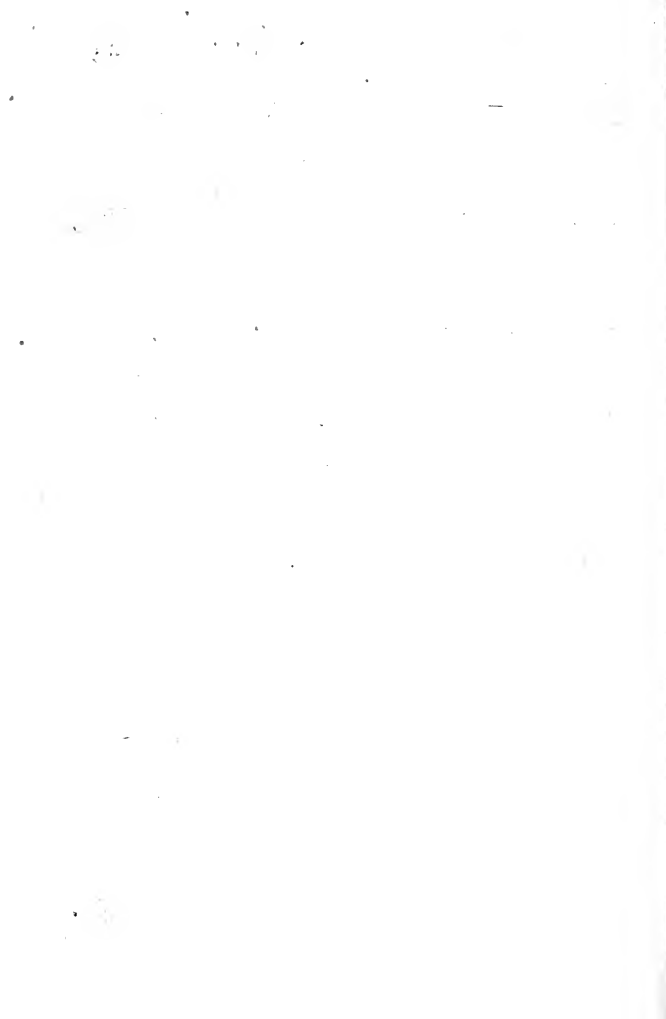
MEu Tolentino, em quanto o frio Inverno
Nos açoita com máo irregelada,
Humedecendo a terra, e branqueando
Com densa neve os carcomidos troncos,
Em quanto a prenhe nuvem nos enluta,
Lançando ao campo o furibundo raio,
Que com rouco trovão nos intimida,
Eu em sustos, a côr já macilenta,
Compridas barbas, animo cançado,
Esbrugando de hum frango tenros ossos,
Só tendo o suspirar por desafogo,
Nas máos desconsoladas da diéta,
Moendo o tempo, e a mesma paciencia,
Que prazeres terei? pondera, Amigo:
Mal que Morfêo me acolhe nos seus braços,

Sobre mim estendendo as lentas azas,
A caterva dos sonhos me persegue :
Nas tristes sombras, que elles me figuráo,
Medonha turba de fataes desastres
Vejo em torno de mim no ar grasnando,
Propõe-se a feia morte ao pensamento,
Ligeiro o passo, horrifico semblante,
Na máo o turvo cópo da bebida,
Que traz comsigo o livido veneno,
E chovem sobre mim imagens tristes,
Qual árida seraiva sobre os valles;
Fuziláo-me ante os olhos sevos damnos,
Rasgáo serpes crueis nuvens escuras,
O peito, e o coraçáo vacilla, e treme,
Horrendos pezadellos me surprendem,
Acordo novamente temeroso,
A' vóz do estudioso Palinuro,
Que traz da minha vida o leme incerto,
Por mares nunca dantes navegados, *
Assim esgota as bolsas, e as boticas,
Até ver esta máquina prostrada,
Sem se poder valer na molle cama,
A' força de penar com crueis dores:
Se esta teimosa queixa náo modera,
O rigor, com que faz os seus combates,
Os meus annos seráo contaminados,
Pouco me lograrei da cara vida,
Náo chegarei a ter rota casaca,
Com pregas grandes, com canhões de sacco,
Náo

Não haverá na minha velha calva
A branca neve sobre os meus cabellos;
Qual o antigo Nestor, ou velho Anchises:
Eis-aqui como passo noites, dias,
Já não ha mandolim, forão-se as modas,
Nem já recordo as graças de Filena,
Filena, por quem tanto me perdia:
Que triste situação a de hum enfermo!
Ah vem, Amigo meu, vem consolar-me,
Já que não posso ir ver na tua quinta
As tuas bellas casas adornadas
De quanto appetecer hum homem póde,
Comtigo he que o desejo bem se farta,
De ver na chaminé dependurados
Do torto prego com cordel seguro,
Os rosados prezuntos Lamesenses,
Os picantes chouriços oleosos,
E nos frizos da casa mais alegre
As piramidaes peras madurando,
Cheirosos camoezes, verdes sorvas,
Já n'um canto a granel duras gamboas,
Mil maltezes melões, meios maduros,
Quem goza o bem, que em morte-cór descrevo;
Bem pouco se lhe dá, que hajão na Corte,
No popular tumulto, que ella involve,
Largas salas, que adorna o branco estuque,
As paredes forradas de pinturas,
Dando-lhes luz as tortas serpentinas,
Lautas mezas, ornadas de iguarias,

Onde esbelto Maltez, prático em tudo,
Garfo, e faca empunhando valoroso,
Qual soldado, de gloria intumecido,
Que impávido dessola a Fortaleza,
Mil golpes descarrega, que reparte,
Por quanto se lhe oppõe na fatal guerra,
De igual sorte o Monsieur na companhia,
Trinxando empavezado desconjunta
Lardeado perú, que lhe foi posto,
Levando deste modo os altos vivas,
Da apaixonada Dama, que o contempla,
Que faz par na dobrada contradança:
Tu gozando o retiro, que te invejo,
Não encontras por lá estes Marrafes,
Atropelando as ruas de Lisboa,
N'uma camara optica mettidos,
Puxada sem vontade pelas ruas,
Por brancos esqueletos, que mal podem
Sustentar os varaes, por meia hora.
Talvez me chamarás agora louco,
Vendo a pintura célebre, que faço
Dos Maltezes da moda namorados,
Mas ao correr da pena foi sahindo,
Quanto o meu pensamento quiz dictar-me.
Muitas vezes desejo, Tolentino,
Os teus conselhos bons, os teus dictames,
Que sabes repartir com teus amigos,
Sem occultas siladas, sem industrias.
Em fim o Ceo permitta melhorar-me,

Com

Com que possa inda nesta estação fria,
Ir ajudar-te em noite tenebrosa,
A lançar no fogão as seccas vides.
Mas já o Sol nos montes se sepulta,
As nuvens, que inda ha pouco erão douradas;
A côr de hum rouxo-escuro vão tomando,
E em quanto vais fazer gostoso brinde
No deboxe feliz de tenros lombos,
Com o licor, que os rostos avermelha,
Eu vou na funda alcoba encantoar-me,
Onde apenas hum brinde fazer posso,
Com a amarga tizana, que me espera.

Ao Senhor Doutor Francisco Antonio de Novais, assistente em Azeitão.

EPISTOLA VII.

EM quanto dura o fogo, que me inflamma,
Do sacro Apollo das canoras Musas,
Aferventando a idéa:

Em quanto a noite feia, e pavorosa,
Me consente que eu faça brandos versos,
Por entreter as horas:

Vou,

Vou, meu caro Novais, a responder-te,
Mostrando que prezei as letras tuas,
Ha pouco recebidas.

Perguntas por funções, porque te lembras
Daquellas, em que sempre divertidos,
Passamos bellas noites.

Hoje apenas a huns annos festejados
O convite me leva de hum amigo,
Com bastante violencia.

São de sagaz viuva com setenta,
Para cuja função se deo mil voltas,
Aos trastes de mais preço.

Em mão segura jazem por empenho,
Os garfinhos de prata, o annel de oiro,
Donde o bom chá descende.

Al-

Alli se gasta o pouco, que era muito,
Que sustentava a louca fantasia,
De antigos monumentos.

Eis-que a musica chega, a roda ferve,
Temos dos cutilhões a picaria,
Vestidos se arregação.

Genio de bello humor lá se divisa,
Com a eloquente Dama gracejando,
Parentescos se tomão.

Outro diz hum Romance, que fizera,
E desde alli convida os companheiros,
Para hum Cirio devoto.

Lá se levanta certo Presumido,
Dizendo semsabores, porque o louvem
De esperto gracioso.

Principia a dançar Taful esbelto,
Hum longo estuporado minuete,
Onde todo se mira.

Já se muda de sala, e se encaminhão,
Onde se tire o ventre de miseria,
Assinão-se os lugares.

Sentada a comitiva, alli se falla
Da gazeta, que trouxe a paz, e a guerra,
Decidem-se batalhas.

Viva Madama, viva, o brinde sôa,
Vão botelhas ao ar, cópos a terra,
Labyrintho de gosto.

Eu, meu caro Novais, nunca me prézo,
De ser lingoa mordaz das companhias,
Perdoa á minha penna.

Mas

Mas vejo os tempos táo apoquentados,
Que náo sei como encontro, inda quem ponha
Funçóes á tolineira.

Mas mudando, Novais, de pensamento,
Vejo táo baralhado o Mundo todo,
Que ao serio me provoca.

Ora vejo Demócritos contentes,
Ora tristes Heráclitos diviso,
Mas isto mesmo he Mundo.

Anda a soberba, e o luxo pela Corte,
Erigindo mil templos á lisonja,
Onde nos sacrificáo.

Quantas vezes, eu só por desafogo,
Abandono os caminhos da fortuna,
Temendo os seus enganos.

Nutrir-me de cançadas esperanças
Esta perversa soube, em algum tempo,
Até tirar-me o somno.

Num Paraiso vão de Dignidades,
Com ella me entretive muitas horas,
Regendo o que não tinha.

Qual innocente, a crystallino espelho,
Que a sua mesma imagem lhe figura,
E em vão quer abraçalla.

Mas já rasguei o véo desesperado,
Que tantas, tantas vezes me encobria
O tardo Desengano.

Quanto mais vale estar, como te te julgo,
No teu ameno Prazo disfructando
Os aprazíveis dias.

Ven-

Vendo raiar a crystallina Aurora,
Homedecendo as próvidas campinas,
Na fresca madrugada.

Sem cuidado maior, sem dependencia,
Ouvindo os cordeirinhos pelos campos,
Apóz da Mãi balando.

Que importão vás riquezas, mil empregos;
A amavel Paz he só quem neste mundo
O coração descança.

O mais são vãs idéas, são enganos,
Com que a gente embebida noite, e dia,
Anda num labyrintho.

Mas ah, perdoa, Amigo, o meu descuido,
Prometti escrever-te, não prégar-te,
He força do meu genio.

Da

Da alegria, e tristeza fiz mistura,
Propensão melancolica me assiste,
Mas tu desculpar sabes.

E pois, que tempo tens, prosegue, Amigo,
Dá exercicio á Musa, que protesto
Tambem corresponder-te.

Ao Senhor Alexandre de Aguiar.

EPISTOLA VIII.

MEu Aguiar constante, puro Amigo,
Sejas sempre feliz, sem que a má sorte,
Perturbe a doce paz, a paz amavel,
Desse teu coração, onde a ternura
Como brilhante estrella resplandece.
Tu me pedes noticias desta Corte,
A respeito daquelles individuos,
Que mascarando a candida amizade,
Tanto tem corrompido a sociedade:
Trazellos á memoria só me cança,
A feia adolação, a vil soberba,
Temiveis manchas, que os Mortaes tolerão,
Calcando com desordem sempre o Mundo,
Estes os vicios são, que inda os dominão;
Os destros olhos de travéz me lanção,
Quando da Imprensa sahe huma obra minha.
Pois tudo, que não he, meu caro Amigo,
Hu-

Huma Arabica lingoa, estilo fofo:
Tirando de seus eixos as palavras,
Pulões de espuma sobre o ar desfeitos,
Perdeo todo o valor nestes meninos;
Vão de mal a peor estes rodeios,
Se passar para a prosa este contagio,
Andaremos pasmados pelas ruas,
Sem que huns aos outros possão perceber-se.
O Ceo nos livre de outra Babylonia,
E sustenha nas Odes esta praga,
Que inda assim mesmo tanto nos estraga.
Tu me chamas a ter gostosos dias,
Nessa aprazivel terra, onde hum ár livre
Com gosto se respira, ou já no Téjo,
Em limosos penedos debruçado,
Com ferro iscado, que da linha pende,
A luzente fataça procurando,
A fugitiva Herós, os frescos Barbos,
Ouvindo ao longe na arenosa margem,
As vozes desses homens, que molhados
Não temem Sol ardente, ou rija neve,
Puchando a rede, aonde vivos sentem
Os escamosos Muges, mal sustidos
Do enredado fio, ou já no campo
Trilhando huma charneca, mais inculta,
De rapida matilha acompanhado,
Já com tardios passos, pondo a mira,
Morre a sagaz Perdiz, ligeira Lebre,
Suavisando depois esta fadiga,

Som-

Sombria fonte com musgosos troncos,
De altos olmeiros, verdejantes faias,
Trepadas eras, esgalhados freixos.
Ditoso tu, que tens esta fortuna,
Se desfructas tão doce liberdade,
Do tempo te não pedem conta alguma:
Tiras com gosto da fecunda terra
Loiras sementes, e os globosos pomos,
Colhes do verde ramo, onde se nutrem.
Louvas em paz a mão, que tudo cria,
Que he árbitra das Leis da natureza,
Que próvida soccorre os Mortaes todos;
Tu gozas este bem, eu na Cidade,
Desde que nasce o Sol, até que he posto,
Não vejo mais, que objectos de agonia,
Que fazem triste a gente, triste o dia.
Pelas praças, e ruas toda a hora,
Chorosos pertendentes apparecem,
E com elles a hórrida miseria,
Que consterna, destroe, consome, opprime
Ainda o coração mais animado;
Huma afflicta Viuva o filho abraça,
De outro filho buscando a liberdade:
Deste lado a Donzella esmorecida
Lamenta a falta do Paterno abrigo,
Aqui hum Mendigante venerando,
Mostrando hirsutas cãns da barba ao peito,
Estende o braço nú, porque o soccorrão.
Alli robusto Alcaide acompanhado,

 Com

Com algemas nas mãos, conduz hum prezo,
Que pouco a pouco entrega a má quadrilha
De famintos ladrões, que em noite escura
Atropellão as ruas de Lisboa:
De dia em dia nesta mesma ordem,
Vem novos casos, novos desenganos,
Deste modo se encurta a curta vida;
Comtigo de igual sorte eu desejava
Essa mesma união, esse descanço,
Mas para mallograr o meu desejo,
Pezada dependencia me sujeita;
Eu não posso deixar hum só instante
As cousas, que me são encarregadas.
Goza tu esse bem, té que a Fortuna
Me conceda o da tua companhia,
Sempre vejas affavel o destino,
Como tanto deseja o teu Josino.

A Jonia.

EPISTOLA IX.

AMada Jonia, amada doutro peito,
Que pôde achar do que eu melhor ventura,
Não que soubesse ter a fé mais pura,
Nem que fosse mais, que eu a Amor sujeito.

Quanto posso julgar-te venturosa,
Eu me lastimo, triste, e desgraçado,
Parece, que se empenha o negro fado,
Em fazer-me infeliz, e a ti ditosa.

Entre escabrosas penhas vou vivendo,
Retiro, que busquei por mais descanço,
Porém de sorte alguma não alcanço
Hum só dia deixar de ir padecendo.

Se alongo a vista aos empolados mares,
O combate das ondas me figura
A pouca segurança da ventura,
A grande multidão de meus pezares.

Desde quando o Sol nasce, té que he posto;
O meu fado cruel m'está lembrando;
E assim que a feia noite vem chegando,
Dobra meus males, dobra meu desgosto.

Aqui, onde fluctua o pensamento,
Desafógo sómente em dar suspiros,
Sem que posa encontrar nestes retiros,
Quem tenha dôr da dôr do meu tormento.

Aqui

Aqui entre rochedos cavernosos,
Que passos dos viventes náo alcanção,
Onde os vibrados raios náo descanção,
Nem dos trovões os écos pavorosos.

Medonha, e triste gruta me repára;
Que próvida me off'rece a Natureza,
Mas temo encontrar falta de firmeza,
Inda na mesma rocha, que me ampára.

As proprias aves dão diversos giros,
Negando-me dos cantos a harmonia,
Aqui náo vivem já como algum dia,
Porque sabem, que estou nestes retiros.

Náo ouço das ovelhas o balido,
Nestas montanhas; só de quando em quando
Ouço na serra os ventos sibilando,
Ouço das crespas ondas o rugido.

Aquelle, que á tristeza vive affeito,
Enchendo os densos ares de suspiros,
Quando buscasse funebres retiros,
Só aqui viviria satisfeito.

Se mil vezes alegre nas campinas
Cantar ao som da cithara me ouviste,
Hoje sem ter prazer, suspiro triste,
Porque nunca o cypreste deo boninas.

Aqui já não diviso aquellas rezes,
Com que tanto entretinha alegre os dias,
Que tu com tanto affago me trazias,
Ornadas de alecrim todos os mezes.

Ah tempo, tempo, quão ligeiro passas!
Ah sorte, que em favor tão breve duras!
Se algum dia cantei d'amor venturas,
Apenas hoje sei chorar desgraças.

Vejo, que a outro a mão d'Esposa déste,
Mas que posso estranhar ver-te inimiga,
Se o campo, que produz a loura espiga,
Tambem depois produz a silva agreste.

Infeliz o que nasce sem ventura,
E mais deve augmentar o seu receio,
Quem fizer fundamento em peito alheio,
Sendo inconstante base a formosura.

Quizeste ser Esposa de Rorino,
Na falta de teus Pais, e quem dissera,
Que esse Pastor, Ingrata, te fizera
Esquecer os extremos de Josino.

Quinze Invernos vivi sempre enganado,
Até que foste então mais rigorosa,
Promettestes a Rorino a mão d'Esposa,
Ficando eu desta sorte desprezado.

A dares á promessa cumprimento,
Pelas mãos da ambição foste levada;
Ah Pastora, que não me valeo nada
O ser igual a ti no nascimento.

Porém pouco me admira, que a ventura
Tão depressa de mim fosse fugindo,
Se a onda, que ao rochedo vai subindo,
Se despenha outra vez da mesma altura.

Quizeste fazer certo o mesmo damno,
Que esperava da tua tyrannia,
Mas inda feliz chamo áquelle dia,
Em que me déste o tardo desengano.

Ah, que huma vez me fez seguro aviso
Tua Irmã, de que amavas outro objecto,
Quando cuidei pagavas meu affecto
Com hum sincero amor, com trato lizo.

En-

Então quiz as lembranças ir deixando,
Por não sentir agora a infeliz quéda,
Mas depois de apagada a labareda,
Inda as cinzas ficavão fumegando.

Pôz-me a tua inconstancia desta sorte;
Quem dissera, que assim te mudarias!
Se algum dia me deste alegres dias,
Hoje sem compaixão me dás a morte.

Assim succede á flôr, que revestida
Do matiz, que lhe dá seu luzimento,
Ajudando-lhe a vida o Sol, e o vento,
O mesmo vento, e Sol lhe tira a vida.

Se me havias deixar, porque juraste,
Em toda a tua vida proteger-me?
Querendo deste modo agradecer-me,
O affecto, que em meu peito divisaste?

Com aguas paga o rio caudaloso
A sombra, que lhe dá o arvoredo,
Produz a mesma terra ou tarde, ou cedo,
Agradecendo o amanho trabalhoso.

Tu não pódes negar, que recebeste
Amor, como quem tanto te queria,
Mas foi pôr huma luz á luz do dia,
Porque nada, cruel, correspondeste.

Talvez, que o que fizeste, não fizeras,
Se não visses em mim amor tão forte,
Mas já do berço com infausta sorte,
A sina trouxe de viver com féras.

A Fortuna, e Amor n'hum só instante,
Dando as mãos contra mim se conjurárão,
E penso que elles ambos apostárão,
Qual havia de ser mais inconstante.

Qual

Qual vivente, que cégo não atina,
E cahe de hum alto monte despenhado,
Tal, Pastora, fui eu precipitado,
Que encontrei pela sorte huma ruina.

Ninguem ponha em amor o pensamento,
Julgando encontrar nelle persistencia,
Que he amor em mulher, pela exp'riencia,
Mais ligeiro, que a sombra, e do que o vento.

Com disfarçados olhos abre a chaga,
Quando se eleva mais, mais damnos tece,
Qual verde era, que nos campos cresce,
Abraça o tronco, que depois estraga.

O Tempo, a Sorte, o Amor vivem de enganos,
Em tecer esperanças só se empenhão,
E juntos todos tres fazem que venhão
Na volta da fortuna os féros damnos.

Quando esperava a sorte menos dura,
Da desgraça sómente vejo o p'rigo,
Quasi toda a esperança traz comsigo
No alegre berço a triste sepultura.

Quem confia da sorte alguma empreza,
Sempre a debuxa em base bem fundada,
Quando só esta deve ser riscada,
Entre as funestas sombras da incerteza.

O fim de huma esperança sem ventura
Tanto os peitos nos vai logo enlutando,
Que na magoa, que deixa, he como quando
Succede ao claro dia a noite escura.

Augmentou inda mais o meu cuidado
A lembrança do tempo venturoso,
Pois mostrando-se o fado rigoroso,
Lembra no mal presente o bem passado.

Foi

Foi Amor pôr em ti paixão incerta,
Fez-se a Fortuna então minha contraria,
Ella porque he mulher, he sempre varia,
Elle porque he vendado pouco acerta.

Quem mais, do que eu finezas te fizera,
Dando tudo por bem na amante lida,
Mas quando foi mulher agradecida?
Quando acceitou affagos huma féra?

Em fim o Ceo te guarde em paz vivendo
Com esse, que elegeste por Consorte,
Que eu esperando triste a dura morte,
Irei nestes desertos padecendo.

Nas desgraças serei firme columna,
Pois remedio não ha mais, que soffrellas,
E he querer pôr as mãos sobre as estrellas,
Intentar ter dominio na fortuna.

E porque em todo o tempo haja lembrança
Desta infeliz historia de Josino,
Gravarei quanto póde o meu destino,
No tronco, que tiver mais segurança.

A hum Amigo, estando o Author em huma quinta em Porto Alegre.

EPISTOLA X.

FElinto, meu Felinto, o Ceo te guarde,
E inda chegar me deixe a ter o gosto,
De te apertar em meus saudosos braços;
E's Amigo fiel, digno de amigos,
Por bellas qualidades, que te adornão,
Honrado proceder, longa exp'riencia,
Que teus extensos annos tem colhido,
Do labyrintho do cançado Mundo,
Onde a vida se tem por leve sopro,
Que quando mais duravel vai levando,
Dos breves dias cada dia hum dia.

Com quem, meu bom Felinto, hum desafogo,
Melhor eu posso ter, que com teu genio,
Que a fundo sabe investigar as cousas:
Tu, que trilhas a estrada mais segura,
Nas desordens de hum Mundo confundido,

Que

Que a sá Filosofia só abraças,
E calculas por arte, e natureza;
Separa-te, se pódes, de cuidados,
Por tres, ou quatro Luas, e vem ver-me,
Vem comigo passar a Primavéra,
Que toda esta campina te convida,
Desfructaremos as calmosas tardes,
Junto ao fresco ribeiro, que já viste,
O qual me dá regatos, com que nutro
As raizes das verdes larangeiras.

Eu com isto suaviso as minhas magoas,
Que vendo ao quanto a vida está sujeita,
A tristeza de mim se não separa:
Que flagello não tem, meu bom Felinto,
Quem vive neste pélago profundo,
Cheio de damnos, de miserias cheio,
Cuidados vãos de hum lado fazem guerra,
De outro lado a doença na velhice,
A pobreza comsigo traz a fome,
Cresce o susto da morte ao mesmo tempo,
E desta multidão medonha, e triste,
He sempre o fragil homem o alvo certo.

Eu aqui como posso vou vivendo,
Gozando das delicias deste sitio,
Tendo por Mestra a sabia Natureza,
Livre do enredo vil, que na alma impera
Desses, que só com muito se contentão.

Já

Já tenho, meu Felinto, onze cortiços,
Morada de solicitas abelhas,
Que o bom Nectar de Aurora vão libando,
Nos cálices das flores mais viçosas;
Que sá, que pura escolha tem comsigo!
Só tirão de huma flôr o que lhes he util.
Quanto feliz seria todo o Homem,
Se tomasse as lições deste volatil!
Huma doirada paz dominaria
Os nossos corações hoje assustados;
A boa fé talvez se não perdesse,
Que já hoje se vê como arrastada
Pela engenhosa mão da vil Lisonja,
Suave algoz da fulgida Verdade.

A candida União do Mundo foge,
Os Homens contra os Homens se levantão;
A soberba, a ambição, a inveja, o odio
Contaminão as Cortes, e as Cidades;
Apenas ficão livres do contagio
Os nossos campos, campos venturosos,
E praza a Deos, que possão sempre livres
Ver em seguro porto estes naufragios.

Eu já vivi na confusão das gentes,
Já fiz na vasta Corte hum largo estudo,
Passando a florecente mocidade;
Mas confesso, Felinto, que não pôde
Amanhecer-me hum dia só que fosse,

Em que me visse livre de desgostos,
Não possuia, Amigo, este socego.

Hoje á primeira luz da madrugada
Acordo, louvo o Ceo, e o novo dia;
Passeio o meu Casal, ao longe vejo
Ir branqueando a alcantilada serra.
Maneia a viração sombrios frexos,
Frescas latadas de ramosas vides,
Ha quatro Primavéras por mim postas,
He quem o meu Pomar todo divide:
Hum agradavel cheiro se diffunde,
Da Rosa, e Madresilva nos valados:
Miuda rama da amorosa Murta,
Faz este umbroso val muito formoso:
Alli vejo tramar as ternas aves
Mil engenhosos, e confusos ninhos:
Da Giesta, Alecrim, loira Marcella,
Hum ramalhete colho, e vou contente,
De ver as producções da Natureza.

Nisto desconto os meus passados males;
Lembrou-se o Ceo de mim, gostoso vivo;
O meu pobre Casal bem me parece,
E melhor, que o Palacio mais pomposo,
Que fez gemer os rijos cabrestantes,
Alicerce da pérfida soberba,
Com que entretem a vida os opulentos.

Não

Não desejo fartar a sêde de oiro,
Levado de huma sórdida cobiça,
Nem ferrolhar nos cofres chapeados
As preciosas peças tentadoras;
Não quero ver a meza sumptuosa,
De immensas iguarias guarnecida;
Não invejo Berlinda arrebatada, -
O solto pó da terra levantando;
Nem ter nas ricas salas estucadas,
Da Persia apavonadas alcatifas;
Não quero me guarneção as paredes
As antigás medalhas respeitosas
Dos Illustres Varões, que o Mundo canta;
Não me nutre a vangloria, quando vejo
Acasos da Fortuna pouco firmes;
Sómente a Santa Paz, brando socego,
He quem me nutre d'alma os sentimentos.

Por hum Homem ditoso tenho aquelle,
Que a triste Dependencia o não arrasta
Com grilhão importuno, e trabalhoso;
Que a sala do Ministro jámais piza,
Em fria tenebrosa humida noite,
Que não teme do vento a brava furia,
Nem a força das ondas encrespadas,
Que possão sepultar-lhe o curvo lenho,
Onde traz, como a risco, as esperanças;
Que aos agrestes certões expondo a vida,
Não vai desentranhar ambicioso

Esse loiro metal, que a gente illude.

Hum Homem novo ao Mundo se apresenta,
Todo aquelle, que segue outros caminhos,
Livre de ver-se em sustos, esperando
Favoravel sentença no delicto,
Sem poder descançar em brando somno,
Sempre com prompta vista requerendo,
Na embrulhada demanda, que vai contra;
Ora exposto a gemer com voraz fome,
Em sórdida enxovia confundido;
Ora sentindo abrir a ferrea porta,
Temeroso da morte no supplicio:
Longe de mim, taes bens, que se promovem
A' custa de trabalhos tão penosos.

Huma escolha segura ter devemos,
Nesta scena do Mundo tão funesta;
Nem botar a perder com mimo a vida,
Nem expolia a fadigas tão pezadas;
O vicio novamente contamina
Toda a ordem do Mundo, a si chamando
Os animos dos homens prevertidos;
Huns se vão entregar ao inerte ocio,
Outros trabalhão só por ver o modo
De perder, e alterar os bons amigos:
Os peitos refalsados se sustentão
Da pérfida conducta, que os inflamma;
Como a serpe nas hervas escondida,

Os

Os venenos occultão subtilmente
Entre as palavras brandas, que proferem
Nos apparentes risos, que nos mostrão.

Fugio da face da benigna terra
O bom trato, a lisura dos viventes,
Hum novo Mundo vemos mascarado,
Em que a ordem de tantos individuos
Tem hum rosto de longe, e outro de perto;
Huns contrarios aos outros se disfarção:
Feliz todo o que sabe prevenir-se.
Mas já Morfêo me acolhe nos seus braços,
Não te seja importuna a minha penna,
Nem deixes de prezar minha amizade;
Responde ao teu Josino, o ocio deixa,
Desabafa tambem, faze o que eu faço.

Pedindo o Illustrissimo Senhor Desembargador Antonio Joaquim de Pina Manique ao Author, que lhe dissesse a sua vida em verso, a fez, pedindo-lhe a Protecção, que conseguio, como era de esperar dos seus Nobres, e Pios sentimentos.

SILVA.

NAsci, Senhor, e logo de innocente
Vi a Desgraça sobre mim pendente;
Da noite as tristes filhas me cercárão,
Da minha vida o fio ennovelárão;
Nenhuma resoluta lhe deo córte,
Pois talvez conseguíra melhor sorte,
Se a descarnada mão da Parca dura,
Do berço me levasse á sepultura;
Mas ah! que arrebatado, em vão procuro
Abrir cerradas portas do futuro,
Alto segredo occulto reservado
Aos olhos dos mortaes sempre vedado.

Pizei a terra, e logo de menino
Soffri os golpes do fatal Destino,

Es-

Estes inda não forão tão sensiveis,
Que a innocencia os fazia imperceptiveis;
De tantos, que soffri, só hum aponto,
Julgai por elle os mais, que não tem conto.
Que lances tão cruéis soffre a miudo
Quem perde os caros Pais, que perde tudo;
Aberta estrada do tyranno vicio,
Que a mocidade guia ao precipicio,
Quando mais necessita a humana vida
Ser dos dictames Paternaes regida,
Foi crescendo a razão, cresceo a idade,
A tempo que a pestifera Maldade,
Tentando frente a frente combater-me,
Diligencias fazia por perder-me;
Qual por doirada taça incauto bebe
Disfarçado veneno, e se o percebe
Com opposto remedio evita o damno,
Que lhe tecèra caviloso engano,
Tal eu das impias mãos pude escapar-lhe,
Por poucos tempos soube cultos dar-lhe,
Debalde esta inimiga teve intentos,
De querer empestar meus pensamentos.
Da Santa Providencia acompanhado,
Do Mundo exemplos mil tenho tirado,
Que os seus acasos por diversos modos,
Lições do bem, e mal, vão dando a todos.
Feliz aquelle, que vencendo os vicios,
Foge aos despenhos, foge aos precipicios.
Eu vi, Senhor, a horrifica Desgraça,

Q'

Q' tristes males aos humanos traça,
Huma vez, e outra vez a dextra alçando,
Raivosa os torpes damnos convocando,
Morder os roxos beiços d'ira summa,
Banhando o peito de empestada escuma,
E os Ministros, que humildes se prostravão,
De quando em quando para mim olhavão;
Ainda me resoão nos ouvidos
Quebrados écos d'horridos bramidos,
Com que a cruenta Deosa a voz soltando,
Para mim apontava assim fallando:
,, Aquelle, que até agora tem vivido,
,, Dos braços da innocencia protegido,
,, Não me possa escapar, por mais que faça,
,, Nos pulsos soffra os ferros da desgraça,
,, Jámais barreira possa achar segura,
,, Para oppôr ás desordens da ventura,
,, Veja em torno de si soltos os vicios,
,, Ordindo-lhe tyrannos precipicios,
,, Cultos rende á virtude, e não he justo,
,, Q' passe a vida sem bastante custo.

Acabou de fallar com furia estranha,
Acerbos Damnos contra mim assanha,
E em quanto estes no ar se dividião,
Desenfreadas Furias a seguião;
Mas supposto, que logo se cumprisse,
Quanto a perversa furiosa disse,
Pouco a indigencia, pouco me consome

Por

Por saber conservar d'honrado o nome,
Trame a Desgraça atroz novos enleios,
Q' eu nunca hei de buscar dolosos meios,
Para escapar ás mãos da Desventura;
Já conheço dos damnos a figura,
Conheço o bem, e o mal. conheço a estrada,
Em que a vida se goza descançada.

Muitos vejo, Senhor, por essas ruas
Com tres e quatro empregos, seges suas,
Rodão pelas partidas com dinheiros,
Tentando, e desbancando altos Banqueiros,
Sem mudarem de côr, quando com perda
A quarta sota vem cahir na esquerda,
Em cujas cartas já mal succedidas,
Sessenta e tantas peças são perdidas;
Mas hum destes no vicio não descobre,
Q' he melhor, que ir perder, valer ao pobre.

Se faço versos nas funções luzidas,
Mil resoantes palmas são batidas:
Se toco, e canto alegres cantilenas,
Por desterrar do peito amargas penas,
Oiço louvores mil nestes instantes,
Mas fico desgraçado como dantes:
Hum dalli me promette o valimento;
Mas não lhe torno a vir ao pensamento:
Outro idéas fantasticas figura,
Tudo promessas vás, falsa pintura,

E

E logo que este engano he conhecido,
Já com termo Francez sou despedido.
Passa hum mez, outro mez, e passão annos,
Q' esse metal prezado dos humanos
A's minhas mãos não chega, e se algum dia
Occorre á minha vaga fantasia,
O procurar hum Grande, que me ampare,
Q' a mão me dê, e os golpes me repare
Da asperrima pobreza, ah que desgosto!
As fallas abbrevia, e volta o rosto;
Qual despedida lança em pedra dura,
Q' impressão lhe não faz, taes sem ventura,
São meus altos, e funebres gemidos,
Q' os peitos achão sempre empedrenidos:
Neste desgosto vou passando os dias,
Sepultado em cruéis melancolias,
Que esta acerba inimiga onde se sente,
Reduz a triste ainda o mais contente.

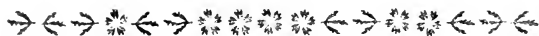
Apenas raia a matutina Aurora,
Do somnolento Sol despertadora,
Vejo o leito de escaça luz cercado,
E logo entro a pensar atormentado,
De idéas tristes mil desconfianças.
Alli se affrouxão minhas esperanças:
Se pela humilde casa espalho a vista,
Não ha animo forte, que resista.
Velhas paredes sem algum ornato,
Maços de versos são todo o apparato,

Que

Que nellas se divisa, jáz num lado
Hum tinteiro, hum bofete destroçado,
Cuja estreita, e pobrissima gaveta,
Abre, e fecha os desejos de hum Poeta:
Em curta estante. que já fôra inteira,
Tenho Castro, Garção, Camões, Ferreira,
Estes os moveis são, com que entretendo
A pobre vida, vou compondo, e lendo;
Mas triste prenda em tudo desgraçada,
Quando devêra ser mais estimada,
A tratão de menor, por terra a deixão,
Já deste damno os mais todos se queixão,
E dizem, que por certa antipathia,
Não faz liga o dinheiro com Poesia.
Não invejo dos Grandes a riqueza,
Meu terno coração a paz só preza.
Tenho pintado a minha derventura,
Que ha sinco lustros deste modo atura;
Se estes versos não tem graça, e belleza,
Se faltos de arte são, ou natureza,
Desculpa vos mereção por agora,
Pois com boa armonia ninguem chorá;
Vêde, que he a pobreza mal profundo,
Flagello dos mortaes, horror do Mundo,
E que só trilhão successivos damnos,
O aspero caminho dos meus annos,
De mil cabeças Idra renascente,
He a desgraça, que meu peito sente.
Não vos peço, Senhor, renda crescida,

Con-

Contenta-me o poder passar a vida ;
Só assim quebrarei de força armado
As pezadas cadêas do meu fado.
Vós , Senhor , a quem busca o meu empenho ,
Me podeis evitar todo o despenho ;
Valer-me em muito a vossa mão bem póde ,
Aquella mão , que por costume accode
A'quelles , que a procurão por abrigo ;
Destes os acertados passos sigo ,
Com elles soltarei a voz aos ares ,
Vendo extinctos meus funebres pezares ,
E vós banhado de jucunda gloria ,
Nas Santas Aras da immortal Memoria ,
Vereis c'roada a vossa Heroicidade
Pela fulgente mão da alta Piedade.

Aos

Aos Illustrissimos Senhores Diogo Ignacio de Pina Manique, e Antonio Joaquim de Pina Manique.

CANÇÃO.

He tempo, minha Musa, de deixares
Aereos pensamentos;
Hum alto canto fenda os densos ares;
Tens nobres fundamentos,
Hum, e outro Manique alegre canta,
Em honra sua, a tua voz levanta.

Pio-

Propõe-te sem demora á grande empreza,
Affoita principia;
Seja com menos arte, ou natureza,
Mostra-te grata hum dia;
Bem que neste louvor, a que te atreves,
Por mais que digas, muito mais lhes deves.

Mas que assombro! descendo sobre a terra,
Em nuvem luminosa,
Com mil virtudes, que no centro encerra,
Vejo Themis formosa!
Divina Protectora da innocencia,
Que ora mostra o castigo, ora a clemencia.

He ella, não me engano, eu vejo, eu vejo
A Deosa respeitavel;
Oh quanto satisfaz o meu desejo,
Por sincero louvavel!
Ella mesma me inspire, ella me influa,
Que inda que a empreza he minha, a causa he sua.

Rectissima balança equilibrada
Da sinistra lhe pende,
Na dextra empunha refulgente espada,
Que a Justiça defende,
Aureo elmo emplumado, arnez brunido,
Erija malha de esplendor subido.

Assim a justa Deosa se apresenta
Com risonho semblante,
Aquella, que os delictos affugenta
Com respeito constante,
Sem fazer distincção do rico, ao pobre,
Só á Virtude chama rica, e nobre.

Inclina hum pouco a respeitosa frente
Para os dois Magistrados;
Dá mil sinaes do gosto, que em si sente,
Por ver bem empregados
Dois Genios, que a huma voz todos confessão,
Q' no público bem só se interessão.

,, Eu devo (assim a Deosa principía,
Em alta voz fallando)
Fazer mais aprasivel este dia,
Os meritos narrando
Dos dois Irmãos, que são em meu abono
Uteis aos Póvos, e fieis ao Throno.

Tu pois, que na Policia astuto velas,
Desterrando os insultos,
Que as candidas virtudes tanto zelas,
Prevenindo os tumultos,
Que enches a Capital de tantas luzes,
Sem que jámais do teu poder abuses.

Tu, que o amor da Pátria tens mostrado,
Que as fábricas animas,
Em dar mil providencias desvelado,
Bons engenhos estimas,
E ainda mais, e mais que isto fizera
Teu grande coração, se mais podera.

Tu,

Tu, que em socego tens toda a Cidade,
Que aos roubos pões cautela,
Que livras da fatal calamidade
A misera Donzella,
Dando-lhe no trabalho, com decencia,
Onde a Virtude tenha subsistencia.

Tu, que o commercio animas cuidadoso,
Que os teus subditos reges,
Sem que o nome te dem de rigoroso,
Que benigno proteges
A tenra, e applicada mocidade,
Que desterras a torpe ociosidade.

Tu, que pões em longissimo desterro
A paixão vingativa,
Que só castigas com prudencia o erro,
De que o mal se deriva;
Porque dos crimes se não veja indicio,
Só buscas meios de atalhar o vicio.

Continúa constante, que eu protesto
Ao Ceo, á mesma terra,
Fazer quanto mereces manifesto,
Sem que te mova guerra
A vil emulação, a torpe inveja,
Que deslustrar os meritos deseja.

E tu, em tudo Irmão assemelhado
Nas acções, na inteireza,
Com iguaes documentos educado,
Que és bom por natureza,
Que á Pátria tens mostrado, com desvélo,
A justiça, a equidade, o amor, o zelo.

Tu, no que julgas recto. e vigilante
Com horror da injustiça,
Sondas nos pleitos a razão constante,
Armado de Justiça,
Como fiel Ministro, que deseja
A Cesar dar, o que de Cesar seja.

Tu, que de Astréa a vara sustentando
Com justa integridade,
Náo dás castigo, sem que vis pezando
As leis, e a humanidade;
Náo deixando na pena o delinquente
Do rigor da sentença descontente.

Tu, que a vereda das virtudes trilhas
Com animo constante,
Que os vicios domas, que a soberba humilhas
Com placido semblante,
Sem artificio váo, sem fingimento,
Dando à pobreza hum doce acolhimento.

Tu, que repartir sabes teus indultos,
Da razáo prevenido;
Tu, que atalhas os pérfidos insultos,
Que te expões destemido,
Só porque exactamente se defenda
O descaminho da Real Fazenda.

Tu,

Tu, que bem pensas, e com longas vistas
Vigias no teu Cargo,
Que da nossa Sob'rana as Leis registas
Em teu coração largo,
Ceder-te a Providencia não repugna
Poderes, natureza, arte, e fortuna.

Eu vejo, que inda aquelle, que supporta
Os ferros em castigo,
No carcere medonho se conforta;
Tu lhe adoças o p'rigo,
Pois bem conheces, que valer aos pobres
He a mais nobre acção das acções nobres.

Sabio Jurisconsulto sem defeito,
A minha voz te acclama;
O sonoro clarim a teu respeito
Faz resoar a fama;
Prosegue na virtude a todo o custo,
Terás dos Justos Ceos o premio justo.

Ir-

Irmão de Irmão, por ambos repartidos
Devem ser meus louvores;
Sereis de todo o Mundo conhecidos,
Da Pátria defensores,
E louvo os vossos genios, porque sabem
„ O como, o quando, e onde as cousas cabem. *

Calou-se a Deosa, e a Nuvem já se via
Bastante condensada,
Foi occultando a luz, que em si trazia;
A' lucida morada
Pouco, e pouco subindo, o éco sôa
De hum remoto trovão, que o ar atrôa.

Não fica mais contente o Naufragante,
Que vio em mar cavado
Da fria morte o pallido semblante,
E das ondas levado,
Em arenosa praia salva a vida,
Que sentio de mil sustos combatida.

Qual

Qual eu fiquei, a sabia Deosa vendo,
Que já de valor falto,
Talvez pelo respeito a mão tremendo
De hum empenho tão alto,
Nem tom podia dar á minha Lyra,
Se a Deosa o meu desejo não supprira.

Canção, não mais aos ares te abalances;
Levar azas de cêra junto a raios,
He ter certo o despenho,
Que as acções grandes podes progectallas,
Podes ouvillas, porém não cantallas.

Na sensivel morte do Illustrissimo Senhor Antonio Joaquim de Pina Manique.

EPICEDIO.

Multis ille bonis flebilis occidit.
Horat. Lib. 1. Od. 24.

SAudade eterna, lugubre saudade,
Deixa-me hum pouco lamentar afflicto
Do meu desgosto a causa:
Suspende o duro effeito,
Dá breves trégoas a meu triste peito.

Dei-

Deixa que possa ter hum desafogo
O coração de penas lacerado,
Que mostre ao Mundo inteiro,
Que a morte inexoravel
Nos roubou huma vida a mais amavel.

Divina Gratidão, se os peitos baixos
Não te sabem prezar, nem te respeitão,
Saia das Almas grandes
O gemido saudoso,
Que honre a Memoria deste Heroe virtuoso.

Se o Heroe, que choramos, valor dava
A's Musas elevadas, e fecundas,
Que fazeis, tristes Musas!
Que sobre as cinzas frias
Não lamentais a perda dos seus dias.

Oh inhumana Morte! oh dura! oh féra!
Quem póde desculpar-te neste lance!
Dize, Monstro inhumano?
Dize, em que te acredita
A innocencia sem Pai, a Viuva afflicta?

Não

Não tens inda embotado o fatal gume,
Da truculenta, sanguinosa fouce,
Nesses Mavorcios campos!
Aonde aboia exangue
Montão de córpos sobre humano sangue!

Que a vida roubes ao Mortal soberbo,
Que sulca os mares, da ambição escravo,
E por fartar-se de oiro
Arrostando os perigos
Deixa os Filhos, Esposa, Pátria, Amigos!

Que vibres o teu braço de ira armado
Contra o Guerreiro, que na frente horrivel
De barbaras falanges,
Ousado não receia
Perder a vida por tirar a alheia!

Que empregues teu furor no vil perverso,
Flagello dos Mortaes, horror da terra,
Que ingrato á Natureza,
Os Numes desacata,
Perturba, intriga, assolla, rouba, e mata!

Que em cinzas tornes cégo Atheo malvado,
Que a Máo, que o ser lhe dera, desconhece,
Vivo sector do acaso,
Que a ti, Deos Uno, e Trino,
A gloria nega, nega o ser Divino!

Que ao Avaro, ao Soberbo, ao Vicioso
Assalteis no centro dos seus crimes,
He justo, oh crua Morte!
Mas que ouses, deshumana,
Tirar do Justo a vida, he ser Tyranna!

Servindo a Pátria, refreando os crimes,
Valendo ao pobre, amando os desgraçados,
Vivias, bom Manique;
Se ha virtude brilhante,
Outro aspecto não tem, outro semblante.

Chora, chora comigo, ó desditoso,
Que mil vezes te viste resgatado
Das garras da penuria,
Chora o Pai da Pobreza,
Sempre inclinado á voz da natureza.

Cho-

Chora , chora comigo , ó desgraçado ,
Victima infausta da fallaz Calumnia ,
Chora quem te arrancava
Das mãos do Dólo insano ,
Punindo o crime , destruindo o engano.

Alma ditosa , que deixaste o Mundo ,
Quando a Pátria de ti mais precisava ;
E estás colhendo o fructo ,
Que a Santa Lei prescreve
A quem vive , a quem morre como deve.

Tu amavas o Ceo , do Ceo chovião
Immensas graças sobre ti mil vezes ;
A Santa Virgem Pura ,
Que o teu zelo exaltava ,
Se fazias hum bem , mil bens te dava.

Sem prémio o Ceo não deixa altas virtudes ,
He só o justo para o Ceo creado ,
Por isso , ó Alma pura ,
Na esféra luminosa
Gozas o bem , que o malfeitor não goza.

Jun-

Junto dos ternos, innocentes filhos,
Eu vejo a tua consternada Esposa,
Banhada em pranto amargo,
Convulsa suspirando,
Pôr os olhos no Ceo, por ti bradando.

Vejo o teu Caro Irmão inconsolavel,
Em vão tentando reprimir o pranto,
E a quantos amparavas,
Lamentando comigo
Falta de Pai, de Protector, de Amigo.

Pagaste o feudo á Morte, e já liberto
Te vês das fraudes do enganoso Mundo;
Mostras á vã Soberba,
Em funebre pintura,
Que são todos iguaes na sepultura.

Os Cargos; as Grandezas, os Thesouros,
Que tanto illudem os Mortaes sem tino,
A vida não prolongão,
Nada he permanente,
Só a virtude vive eternamente.

E

E tu, Senhor, que regas com teu pranto
Do caro, justo Irmão, as cinzas frias,
Acceita os ternos votos
De hum triste desvalido,
Que para infaustos golpes foi nascido.

Ao mesmo.

SONETO.

ABre-te, ó fria, eterna sepultura;
Mostra-me o grande Heroe depositado;
Que todos, que esta perda tem chorado;
Se consolão de ver sua figura:

Mas a meus rogos cada vez mais dura;
Fazes que seja o pranto meu baldado!
Ou não foi em teu seio sepultado,
Ou mo queres negar ímpia, perjura.

Teu centro eu abro; mas que vejo, oh sorte!
Humidos ossos, podridão, vapores;
Tristes despojos da tremenda Morte!

Breves gostos do Mundo enganadores!
Que o Pobre, o Rico, o Grande, o Fraco, o Forte,
Hão de vir a parar nestes horrores.

Ao mesmo.

SONETO.

NEste lugar de eterno sentimento
Faze apprehensão, mortal fragilidade
Que este fim, este horror, esta verdade,
Desafião teu frouxo pensamento.

Debaixo deste escuro Monumento
Jaz a pobreza, jaz a Magestade,
A cançada velhice, a mocidade,
Sem distincção de estado, ou nascimento.

Não contes c'huma vida mais extensa,
E se queres colher celeste fructo,
Espera inda hoje em ti igual sentença.

Olha que o tempo he sempre diminuto,
E para quem na morte serio pensa,
Os annos não são mais, do que hum minuto.

Vida da Corte, e do Campo.

L Y R A.

EM curvo lenho entregue o Navegante
A vida ás bravas ondas,
Por ir desentranhar nova riqueza,
No metal, que produz a Natureza.

Envolto em sangue, e pó mostre o Soldado
A cortadora espada,
Com que aos seus semelhantes poz por terra,
No vasto Campo da confusa guerra.

Queime incensos nas Aras da lisonja
    Ambicioso genio,
Da calumnia trilhando a estrada fêa,
Talvez á custa da Desgraça alhea.

O bravo Capitão, que perde a vida
    No campo da batalha,
Commandou, investio, teve a victoria,
Mas apenas de si deixa a memoria.

O Nauta, que o baixel ao mar entrega,
    Se encontra a tempestade
Nas ondas sepultado os olhos feixa,
E apenas do naufragio a magoa deixa.

O Cortezão, que vive ao pé do Throno,
    Banhando-o de lisonja,
Quando está na fortuna mais firmado,
Se vivendo enganou, morre enganado.

Se

Se a desordem dos tempos inconstantes
Converte o riso, em pranto,
Quem nas glorias, que o Mundo lhe figura,
Póde ser bom contraste da Ventura?

Tu, Mundo enganador, que nos arrastas,
Se o teu poder não chega
A firmar na Fortuna huma existencia,
Desengana os Mortaes dessa apparencia.

O negro véo, que a sã verdade encobre,
Aparta de seus olhos,
Faze-lhes ver, que se a Fortuna passa,
Ficamos sendo hum jogo da desgraça.

Mas se te não atreves ao que digo,
Eu vou a retratar-te,
Tu, as côres me dás nessa figura,
Com que te faça a funebre pintura.

Em quanto alguns, que vivem mais ditosos;
Em ti cégos confiáo,
Eu faço já, que mudem de conceito,
E ouviráõ os estragos, que tens feito.

Eu vejo a voraz fome volteando
A misera Viuva,
Os tenros innocentes aos dois lados,
A Mái, e os filhos de chorar cançados.

Tristes Orfáos, o páo já mendigando,
Com elle se sustentáo,
Ensopado nas lagrimas, que choráo,
Vendo que de ventura náo melhoráo.

E quantos miseraveis em desgosto,
Apenas mal cobertos,
De esfarrapados pannos estou vendo,
Dos quaes as proprias carnes sáo remendo.

Do frio enregelados no Janeiro,
Que neva sobre os córpos,
Ou na ardente estação sempre abafando;
Desamparados o seu mal chorando.

Assim vivendo vão alguns conformes
No duro labyrintho,
Té que a nudez, a fome, a calma, o frio,
A's vidas miseraveis quebra o fio.

A outros falta o Paternal abrigo,
O maduro conselho,
Dos vicios vão seguindo a chusma brava;
De quem a mocidade fica escrava.

Estes sempre á Virtude o rosto voltão,
Quaes brutos vão vivendo,
Acolhe-os no regaço a ociosidade,
E assim se prostitue a tenra idade.

Mundo cruel, tu és só disto a causa,
Pois fazes que os viventes,
No venenoso mal, que tu ensinas,
Vão cahir de ruinas em ruinas.

Donzellas, e Mancebos se lamentão
Dos laços, que lhes teces,
Franqueando caminho á mocidade,
Para correr sem freio a liberdade.

Mas aquelles, que eu vejo ir abraçados
Com a fama. ou riqueza,
Desafiar a morte destemidos,
Sem temerem o fim dos seus partidos.

Conheção, que he mui breve o seu engano;
Para alongar os dias,
Tem melhor arte a vida Camponeza,
Onde mais se recreia a natureza.

Fe-

Feliz, quem longe da soberba insana,
No campo se exercita,
Alli ninguem conhece o féro Marte,
Alli a vil lisonja não tem parte.

Alli torpes loucuras se affugentão;
Cultivão-se as campinas,
Ellas são de seus donos o thesoiro,
Ellas produzem as espigas de oiro.

A doce Paz se nutre de alegria,
Domina a sá verdade
Na Plebe dos arados innocente,
Qualquer vive com pouco, mas contente.

Alli não se receia a injustiça,
Tem limite o desejo,
Faz-se no patrio Campo a sementeira,
Tanto alimenta o Sol, como a fogueira.

Veste-se a grossa lã do proprio gado,
Nunca vence a intriga,
O luxo estragador ninguem arrasta,
Que a quem pouco deseja, pouco basta.

He geral o prazer, geral o gosto,
A Mãi dos vicios, foge,
Todos vão a tocar o ultimo dia,
A Lei da Natureza he quem os guia.

A terra no fecundo ventre esconde
A próvida semente,
E com rosto sereno, olhos enxutos,
O que fructos semeia, colhe fructos.

Se as enchentes alagão vastos Campos;
E o grão inchado affogão:
A perda por maior ninguem assusta,
Que a Lei da Providencia he sempre justa.

Não tem conversações perturbadoras,
Não se infamão as gentes,
Não andão nas Cabanas temerosos,
Obrem bem, obrem mal os poderosos.

A pura luz da fé os alumia,
Com rectidão se regem,
A balança de Astrea, quando pende,
Não precisa fiel, que o pezo emende.

O Tempo voador ninguem consome
Na sala do Ministro,
Não pertendem subir a mais altura,
Conhecem que he melhor o que mais dura.

De que serve o subir sem segurança,
Sem temer os futuros,
O Tempo tambem prostra huma alta serra,
Huma Torre sem base cahe por terra.

Bem como annoso freixo, que resiste
Aos A'quilos raivosos,
Assim Velho de frente encanecida,
Curvado no bordão sustenta a vida.

Tão cedo a sepultura lhe não cobrem
Do lugubre cypresre
Cortados troncos, verdenegra rama,
Como aos que buscão oiro, e buscão fama.

'A vida vai passando sem ter susto,
De importunos Crédores,
Da penhora não tem, nem temor leve,
Que traz comsigo os bens, que a ninguem deve.

Se alonga a vista, e vê que o feroz Lobo
O gado lhe devora,
Nunca muda de côr, nunca esmorece,
Põe os olhos no Ceo, tudo agradece.

Se

Se o descórado Inverno desabrido
Os membros lhe enregela,
Busca o tarro de vinho, as mãos lhe lança,
Farta o desejo, e outra vez descança.

A's vezes na manhã rouxa, e serena,
No bosque emaranhado,
Vai enfeitar as rezes mais mimosas,
Com giestas, jasmins, junquilhos, rosas.

A's vezes vai ouvir correr a fonte,
Cantar os passarinhos,
E depois lá no aprisco assás calmoso
Vai nutrir-se de leite saboroso.

Não cobrem iguarias delicadas
Sua rustica meza,
Tudo que o Ceo lhe dá, tudo o contenta,
O fructo do trabalho he que o sustenta.

'Abomina as alfaias sumptuosas ;
Herda de outros Pastores
Hum surrão, hum cajado, grossas pelles ;
E vai passando a vida igual a elles.

'Alli se vê confórme, alli se nutre,
A face consternada
Nunca vio da servil obediencia,
Que hum Pastor não tem de outro dependencia.

Qual Chéfe Militar passa revista
Na viçosa campina
'A' mansa Tropa, que conduz á fonte,
Primeiro, que o brilhante Sol desponte.

Ou se rebanhem junto dos olmeiros
As tenras ovelhinhas,
Ou vão o tenro pasto mastigando,
Gostoso afina a Lyra, e vai tocando.

Se vê correr as agoas cristallinas,
Com murmurio agradavel,
Do cume dos rochedos escarpados,
Mostrando os verdes limos recamados:

Se vê os rouxos lirios pelos campos
Nos juncos dobradiços,
'Alli mesmo sentado, quieto, e mudo,
Engrandece a alta mão, que formou tudo.

Se vê pontando o trigo na lavoira,
Se o tempo lhe concerta,
Se vê brotando flôr a amendoeira,
Não vê, nem sente coisa, que mais queira.

Já tremulo, e enrugado, bem podera
Temer do Tempo a foice,
Porém não, que vivendo desta sorte,
Estima a vida sem terror da morte.

As-

Assim se vive livre de cuidados;
São ditosos os dias,
Feliz o que a Cidade não conhece,
Feliz eu fôra assim, se assim vivesse.

Aos

Aos sete Vicios.

SEXTINAS LYRICAS.

SE a ordem se perverteo,
Se vai tudo a destruir-se,
Levando o baixel ao fundo,
Onde me salvarei eu!
Se não póde descubrir-se
Neste Mundo, hum novo Mundo!

Tu, apparente Vaidade,
Que cégas tanto os Mortaes,
Evita o teu precipicio,
Deixa reinar a verdade,
Deixa, que genios iguaes
Se apartem do feio vicio.

Nas acções, que em nós se passão,
Devemos mais reflectir,
Se gostamos de ter paz;
E primeiro que se fação,
Nós devemos inquirir,
Se ellas são boas, se más.

Os soberbos accusemos,
Que nas mundanas venturas
Os seus alicerces tem;
E a elles perguntaremos,
Se dentro das sepulturas
A terra respeita alguem?

Se de massa nova são?
Se as rendas, que nos apontão,
Lhes põe alma sup'rior?
Se houve no Mundo outro Adão?
Se os grandes Avós, que contão,
Lhes mudão do sangue a côr?

Se o Sol, que o pobre agasalha,
Não he delles igualmente?
Se as Parcas os não despenhão?
Se a sorte a elles não falha?
Se tem hum tempo diff'rente,
Que os outros Mortaes não tenhão?

Na verdade me confundo!
Não sei, que nova moral
Estes individuos tem!
Contaminão todo o Mundo,
Pertendem sempre obrar mal,
E que os outros obrem bem.

Cada qual sempre prefira
O respeito, que lhe he dado;
Porém seja sem defeito;
Ser civil nada lhe tira,
Que hum semblante carregado
Não he base do respeito.

Já no berço, onde nascêrão,
São pervertidos aquelles,
Que abração tão feio vicio;
Na educação, que lhes derão,
He donde provêm a elles,
O seu maior precipicio.

Cégos Pais infatuados,
Por hum caminho sem ordem,
Levão as tenras idades,
E na soberba entranhados,
Ella produz a desordem,
Que ha em tantas Sociedades.

Ninguem em pensar se cança
Neste de máles resumo;
Cada qual de si se esquece,
Não conserva na lembrança,
Que a vida he bem como o fumo,
Que nasce, e desapparece.

Quem

Quem escapa ao final córte ?
Dos Monarcas os governos
Revolvamos na memoria ;
Vejamos se não ha morte ,
Vamos ver se estão eternos
Os Heróes da antiga historia.

Mas vive, soberbo , embora ,
Pisa altivo o vasto Mundo ,
Elle o pago te dará ,
Que em chegando a final hora ,
Teu corpo já moribundo ,
A cabeça abaterá.

A novos genios passemos ,
Avarentos conhecidos ,
Espiritos apertados ,
Que todos os dias vemos
Cahirem amortecidos
Sobre os cofres chapeados.

A campa, que os córpos cobre,
Mostre a mirrada figura,
Fosse feliz, ou não fosse;
Perguntemos ao mais nobre
Se levou á sepultura
Comsigo mais, do que trouxe?

Quantos vão cruzando os mares,
Em curvo lenho fiados,
Expondo a vida á tormenta,
Buscando remotos lares,
Por verem de oiro esfaimados,
Se o oiro se lhes augmenta!

Quantos na mesma avareza;
Perdem ao Pobre o respeito,
Vendo miseriás sem medo,
Cujos gritos da pobreza
Fazem nelles tanto effeito,
Como as ondas no rochedo!

Quan-

Quantos vão desordenados
Por ambiciosos trilhos
Viver em abatimento ,
Sobre o dinheiro afferrados ,
Coarctando á mulher , e aos filhos
O trato , e o proprio sustento.

Este vicio he o primeiro ,
A quem não abranda o rogo ;
Em destruir-nos se empenha :
Avarentos com dinheiro
São semelhantes ao fogo ,
Que arde mais se tem mais lenha.

Mas veja , que nada vence
Aquelle , que vive assim ;
Para o mal , e para o bem ,
He justo , que livre pense ,
Que o oiro ha de ter o fim ,
Que os córpos na terra tem.

Em outro vicio toquemos,
Que faz o maior estrago;
O que em amores delira,
Com mais vagar apontemos,
Examinemos o pago,
Que destas paixões se tira.

Dando louvor a bellezas,
Em acções desordenadas,
Se finge preza a vontade;
Com excessos, e finezas,
Sempre mal intencionadas,
Corre solta a liberdade.

Prezando em mui pouco a vida,
Os appetites preferem;
Hum peito, que em zelos arde,
De outro se faz homicida,
E quando acudir lhe querem,
Já o remedio vem tarde.

Póde haver maior desgraça,
Que consumirem-se os annos,
Dando culto á formosura?
Ver como a idade se passa,
Torneada de mil damnos,
Por hum bem, que pouco dura!

Só por affectar amores,
Andar em perpétua lida,
Supportando Sol, e Lua,
Inda maiores rigores,
Entregando a minha vida,
A quem me não dá a sua!

Para em tudo discorrer,
Novo vicio vou tocar,
E não menos importante:
Quizera a causa saber,
Porque ha de hum homem tirar
A vida ao seu semelhante?

Se nós de Deos recebemos
Huma alma ennobrecida,
Para o servir, e louvar;
Perdella assim não devemos;
Que se Deos nos presta a vida,
So Deos a póde tirar.

Hum matador, que impaciente
Tira vidas por querer,
Os castigos não receia;
Mas deve pensar prudente,
Que a Deos ha de responder
Pela sua, e pela alheia.

Hum Homem, que o outro préza,
Não deve ser homicida,
Deve o igual soccorrer:
Pois he contra a natureza
Tirar ao proximo a vida,
Que eu não quizera perder.

Que scenas em breve espaço,
No Mundo representando
Estão os cégos Mortaes!
Pois diviso a cada passo,
As Máis os filhos matando,
Os filhos matando os Pais!

Mas agora, que direi
Daquelles, que sem medida,
Lautas mezas frequentando,
Vão sem discurso, e sem lei,
Em saborosa comida,
Os córpos arruinando!

Chamão digno, e grande trato
Ao sustento deste modo,
Apparece a farta meza,
Luz cobiçoso apparato,
E crêm, que naquelle todo,
He que consiste a grandeza.

Di-

Diviso de quando em quando
Mil cobertas preparadas,
Que subtís Genios inventão;
Os manjares fumegando,
Onde as bocas esfaimadas
De doenças se sustentão.

Aquelle, que á dura terra,
Dá providente cultura,
De quente suor coberto,
Os appetites desterra;
A' superflua fartura
Sempre chamou desconcerto.

Embora o tenhão por louco,
Sempre o seu uso abraçou,
Come o que tem, mas em paz,
Não se lhe dá de ser pouco,
Que o pouco, que cultivou,
He que muito o satisfaz.

Mil vezes ditosa a vida,
Que com pequeno sustento
Pouco a pouco se alimenta;
Chega a huma idade crescida,
Porque tem mais nutrimento,
Quem com pouco se contenta.

As baixellas esmaltadas,
Porcelanas fumegantes,
Que adornão a vasta meza,
A's gentes fofas, e inchadas,
Mostrão em breves instantes
Huns fantasmas da grandeza.

Quantos miseraveis vejo,
Onde sustento não ha,
Em sórdido labyrintho!
Estes não pedem por pejo,
E o farto não se lhe dá,
Do que padece o faminto.

Va-

Vamos sondar outro vicio,
A fastidiosa inveja,
Que he do Mundo o abatimento,
Quer nos outros precipicio,
Para si tudo deseja,
Nos outros não quer augmento.

Eu sei, que a muitos domina
Espirito envilecido,
Sem lei, amor, ou receio;
São do socego a ruina,
Fazem bom o seu partido,
A' custa do damno alheio.

Sei de muitos invejosos,
Que vivem de hum modo tal,
Que a maior compaixão he;
Fazem-se fastidiosos,
Dizendo de todos mal,
Pondo tudo de má fé.

A ambição, a torpe inveja,
Andão n'um laço p'rigoso,
Companheiras da desgraça;
O que mais tem, mais deseja,
Porque sempre o invejoso
Nada vê, que o satisfaça.

Vimos a sorte cruel
Do furioso Caim,
A inveja o precipitou,
Rouba a vida ao justo Abel;
Mas bem se vio no seu fim
Como o Ceo o castigou.

Tratarei dos ociosos,
Da estragada mocidade,
Exposta a mil precipicios,
Genios em tudo p'rigosos;
Pois he sempre a ociosidade,
A fonte de infames vicios.

Quantos mal intencionados,
Fugindo ao trabalho honroso,
A torpes vicios se dão;
Huma, e mil vezes levados
Pelo caminho horroroso
De huma céga perdição!

Sem que busquem outro rumo,
Quantos no jogo embebidos
Vão com arte, e subtileza,
Do que tem dando consumo,
Até ficarem perdidos,
Vadios por natureza!

Se aquelle, que não descança,
De grangear o sustento,
A's vezes nada lhe chega;
Que fará quem se não cança,
Quem não busca acolhimento,
Quem só a vicios se entrega?

Que hum homem busque a ventura,
E que o persiga a desgraça,
Não tem culpa conhecida:
Porém muda de figura
Aquelle, que a vida passa,
Sem buscar modo de vida.

Já no principio do Mundo
Foi ao homem destinado
O trabalho, e sujeição,
Deve com zelo profundo
Cada qual do seu estado
Conhecer a obrigação.

Vemos que a ave innocente
Os tenros filhos ampara,
Affaga, cria, e sustenta:
Nisto aprenda a céga gente,
Que esta acção de amor tão rara
Reprende, ensina, e contenta.

Os meus versos não se entendem
Com os de vida ajustada,
Nem determinão pessoa;
Os máos sómente reprendem,
Porque huma vida estragada
Veja o que he ter vida boa.

Mais nisto pensar não posso,
Com pena a alma se inquieta,
Infelices creaturas,
Qual horror será o vosso,
Quando a funebre Trombeta
Abalar as sepulturas.

Esta justa correcção
Faz lembrar os precipicios,
Que aproveite he o meu fim,
E se isto verdades são,
Castiguem-se assim os vicios,
Principiando por mim.

A PASTORA ISENTA,

IDYLIO

ANALLIA, e JOSINO.

JOS.

ANallia a mais amavel das Pastoras,
Que vio o manso Téjo,
Entregue tem Cupido nos teus olhos
Todo o seu grande Imperio;
Tuas faces mais brancas, do que a neve,
Que os altos montes cobre,
Nellas abrindo rubras, lindas rosas,
Te esmaltão a belleza.
Ah como tão formosa, minha Anallia,
A crueldade prezas!
Foste acaso nascida nas entranhas
De alguma penha dura?

Foste nutrida com ferino leite
Na tenra curta idade?
Quem te influio no peito sentimentos
Táo duros, táo ferinos?
Ah Pastora adorada, tu náo temes
De Amor as cruas settas?
Náo temes, que te abrazem meus afflictos,
Meus ardentes suspiros?
Já parece impossivel, que resistas
A tanto, e tanto estremo!
Teimosa pertendendo, que me acabe
Teu horrivel desprezo;
Que o peito me traspasse o penetrante
Punhal dos teus desvios:
Se te offendo em querer-te, em adorar-te,
Se disto te náo pagas,
Náo me prives ao menos da ventura
De ver teus lindos olhos.

ANAL.

Importuno Josino, quantas vezes
Me encontras pelos valles,
Sempre com ternas fallas lisongeiras
Me affliges, e me assustas;
Sempre em amor me fallas, nesse raio,
Que os Pastores devora;

Oi-

Oiço delle queixar Livia chorosa,
E Jonia inconsolavel;
Huma não dorme as horas do socego,
Outra só gemer sabe:
Amor he o seu mál, de Amor tyranno
Mil vezes se lastimão,
Quando eu, zombando de tão louca idéa,
Nem dellas me condôo;
Que triste fantasia, que enganosa
Paixão sem fundamento,
Que os corações tranquillos arrebata,
E após do mal os leva:
Eu, que não sei de amor, nem o conheço,
Senão pelo que escuto,
Vou-me rindo das penas voluntarias,
Que os Pastores procurão:
Assim te desengano huma e mil vezes,
Josino; sem acordo
Tu procuras vencer hum impossivel,
N'um peito, que he de bronze.

J O S.

Eu creio quanto dizes, porque observo
De teu genio a fereza.
Tu detestas o amor, e te horrorisão
Suspiros incessantes,

Po-

Reflecte, linda Anallia, que no mundo
Nada sem amor vive :
Tu não vês essa hera tão viçosa,
Que a vide em torno abraça?
Não ouves pelos montes os rugidos,
Das mesmas féras bravas,
Que explicão a violencia da saudade,
Por natural instincto!
Não ouves pelos ramos dos salgueiros
A doce Filomela,
Que, cantando com grata melodia,
Alegra o seu Consorte!
Até no mar os mudos nadadores
Sentem a lei forçosa,
Imposta pelo Amor. Ah, tu não creias
As imagens do susto:
Todos devem fugir das falsidades
De hum Amor enganoso;
Mas quantas graças tem, quanta belleza,
Aquelle, que he sincero!

A N A L.

Que Amor sincero póde haver no Mundo
Na corrupção nutrido?
Tudo são expressões, que nos enredão
Em feio labyrintho.

Tu-

Tudo máquinas são, de quem pertende
Alegre passatempo;
Não he, não, fingimento o que te digo,
A Verdade respeito:
Esta vida innocente he mais ditosa,
He branda, he socegada.
Exclamem contra Amor essas, que sentem
A chaga venenosa,
Passem da noite as aprazíveis horas
Em continuos soluços,
Que eu livre de mortífero contagio
Vivo de gosto cheia.
Vejo raiar na porta da Cabana
A matutina estrella,
Levanto-me liberta de cuidados,
Mujo as minhas ovelhas,
E depois espremendo brandamente
O já coalhado leite,
Faço no xinxo o saboroso queijo,
Com que se nutre a vida,
E depois conduzindo o meu rebanho
Pelos quebrados montes,
Oiço cantar os ternos passarinhos,
Pendentes pelos ramos.
Que doçura de vida, que fortuna
Com esta se compara!
E se eu amor tivera, se eu gemesse
Nos seus tyrannos laços,

An-

Andaria lidando noite, e dia,
Cercada de mil sustos,
Ora alongando a vista pelas serras,
Respirando cuidados,
Ora pensando, que o Pastor me engana,
Que á promessa me falta,
Já sentindo voraz louco ciume,
Paixão desesperada:
Ah! que tormentos soffre quem se entrega
D'Amor á paixão dura.

JOS.

Quem te inspirou, Anallia, os sentimentos,
Que o gosto te assassinão?
Porque d'Amor te queixas cruelmente,
Ignorando os effeitos?
Ah! se acaso souberas quantas graças
Tem o Amor, que he puro,
Quantas venturas nos prepara a sorte
N'um laço afortunado,
Que ternuras despendem mutuamente
Duas almas conformes,
A santa paz o gosto derramando
Nos corações amantes,
Lhes reparte prazer incomparavel,
Huma doçura immensa.

ANAL.

A N A L.

Por mais que tu pertendas persuadir-me,
Sou qual a rocha dura,
Que de empoladas ondas combatida,
Não perde o ser constante;
Por mais que em torno com estrondo horrendo
Pertendão assaltalla,
Ella zomba dos golpes repetidos,
Rebate a furia toda.

O PASTOR CONFORME,

IDYLIO

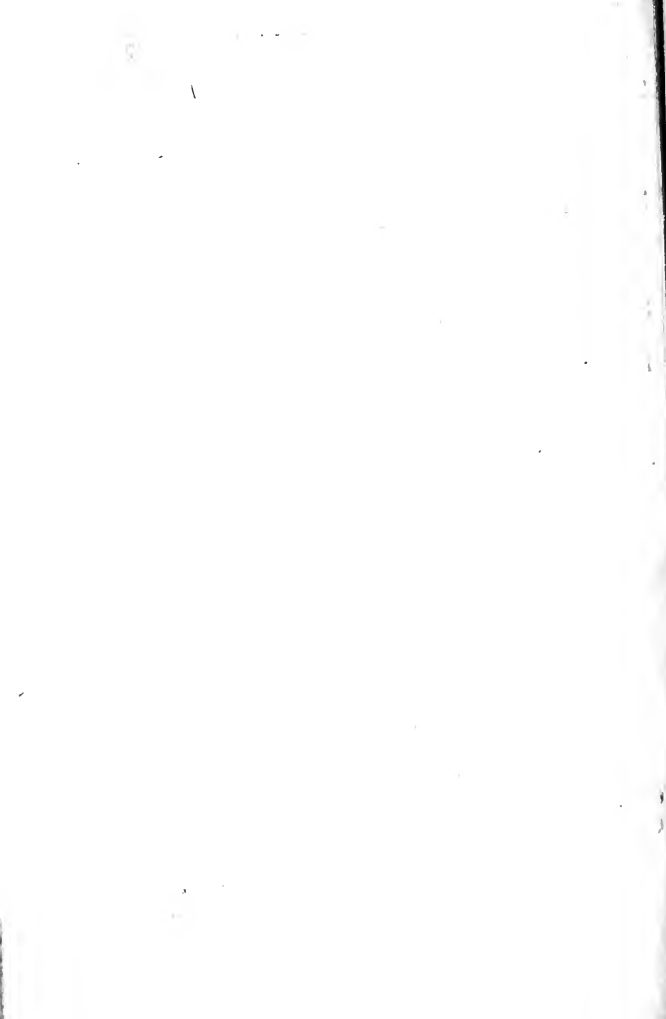
AO INVERNO.

QUe nuvens carregadas vão cobrindo
A luminosa esféra!
Já vem o frio encanecido velho
Assolando as campinas;
Lavão os rios com enchente d'agua
As ramas dos salgueiros;
Já não se escuta, como em Primavéra,
Doce canto das aves,
Apenas se ouvem nos iodosos charcos
Das rás os grasnos roucos,
Os altos troncos das frondosas faias
As verdes folhas despem,
O gado mais tardio pelos montes
Acha menos sustento.
Divisão-se as palhoças gotejando,
Que o Sol não as enxuga.

Que

Que funebre pintura em toda a parte
Nos mostra a natureza !
A mesma vide, que de frescas parras
Cobria a minha porta,
Da qual cortava os sazonados cachos,
Já não me presta abrigo ;
Pela escabrosa serra vem descendo
A condensada nevoa ;
Encapelladas ondas se levantão
Nas arenosas praias :
Cobre-se a rocha de nevada espuma,
Quando o mar a combate ;
O pobre Pescador cheio de susto
O seu batel encalha ;
Teme que o mar lhe roube a cara vida,
Que a rede lhe destrua.
Não sahem das cabanas as Pastoras,
A fonte desampárão ;
Apenas vejo a filha de Oriaste
Com o pote opprimida ;
Pelos humidos valles desce Armania
C'os brancos pés descalços.
Que rigoroso desabrido Inverno
Começa a flagellar-nos !
Descommodo tyranno, mas preciso
Para nutrir-se a terra !
A sabia Providencia tem mais vistas,
Que a comprehensão humana,

Si-

Sigamos do Destino a Lei forçosa
Munidos de constancia;
Inda que o Sol não doure os altos montes,
Devemos ser conformes,
Sempre foi a mudança ao tempo dada
Ordem da natureza;
Que importa, que sintamos os effeitos
Dos tempos inconstantes,
Se o poderoso Deos dilata a vida,
Se a santa Paz gozando,
Eu queimo a secca lenha, eu me agasalho
Na empalhada choça!
Ditoso aquelle, que de seu conserva
A pequena pousada!
Em quanto o meu rebanho no cerrado
Vai remoendo o pasto,
Eu junto do meu lume vou cantando
Alegres cantilenas;
Em limpo vaso bebo o tinto succo,
Que a vinha me offerece,
Lisongeio com elle os meus visinhos,
Que a par de mim se nutrem.
Assim vivo, assim passo as longas horas
Do desabrido Inverno;
Affinando o rabil louvores canto
A' sabia Providencia,
Que ou julguemos bonança, ou precipicio,
Quanto o Ceo nos dispõe he beneficio.

Recebendo o Author de hum seu Amigo hum presente de ginjas, e vinho.

DECIMAS.

MEu Silva, recebo as ginjas,
E juntamente o bom vinho,
E agora vejo que o vinho,
He bom em cima de ginjas:
O Ceo te pague estas ginjas,
E te dê immenso vinho,
Que em quanto durar o vinho,
Que mandaste com as ginjas,
Te farei comendo as ginjas,
Mil saudes do bom vinho.

Em me mandares o vinho
Com a remessa das ginjas,
Mostraste, que tinhas ginjas,
E que náo tinhas máo vinho:
A mim só me dá o vinho,
Em comer bastantes ginjas,
E em quanto o tempo der ginjas,
E as sepas nos derem vinho,
Me ha de lembrar o teu vinho
Com as tuas bellas ginjas.

Fallar-te tanto nas ginjas,
E gabar-te tanto o vinho,
Nem he pedir-te mais vinho,
Nem requerer-te mais ginjas:
Tu náo és daquelles ginjas,
Que náo dáo gota de vinho,
E louvar-te tanto o vinho,
E fallar tanto nas ginjas,
He porque gostei das ginjas,
E ja dei fundo c'o vinho.

MOTE.

Das entranhas palpitantes
Arranquei a setta hervada.

GLOSA.

AS chagas mais penetrantes
Meu afflicto peito sente,
Inda corre o sangue quente
Das entranhas palpitantes.
Em brevissimos instantes
Terei a vida acabada;
A ferida ensanguentada
Chega até o coração;
Sinto a dôr, e ainda não
Arranquei a setta hervada....

MOTE.

Tudo devo ao meu Amor,
Nada devo ao teu cuidado.

GLOSA.

SEr de teu peito Senhor,
Ver-te preza em doces laços,
Gozar em paz os teus braços,
Tudo devo ao meu Amor.
Dantes não crias o ardor,
Que me trazia abrazado,
Para me ver neste estado,
Soffri-te immensas affrontas,
Ah! Se ajustarmos as contas,
Nada devo ao teu cuidado.

MOTE.

Pela ingrata a suspirar.

GLOSA.

HE de Jonia a ingratidão
Motivo das minhas penas,
Tircêias, Marcias, Filenas,
Já me não devem paixão;
Sei que Jonia, sem razão,
Por outro me quer deixar,
Mas sou tal, que por quebrar
As forças da tyrannia,
Ando de noite, e de dia,
Pela ingrata a suspirar.

MOTE.

A minha doce prisão.

GLOSA.

ENtrei no Templo de Gnido,
Movendo trémulo os passos,
E vi os diff'rentes laços,
Que aos Mortaes se tem tecido:
Vi hum, vi outro ferido
Pondo sobre a pyra a mão,
E em quanto esta multidão
Os puros votos fazia,
Amor com Jonia tecia
A minha doce prisão.

Ao

Ao mesmo.

Já riscaste nesse peito
O voto, que me fizeste?
De mim, de ti, te esqueceste,
Sem dó, sem fé, sem respeito?
Deve assim, Jonia, desfeito
Ver-se o laço da união?
Amor, Vontade, Razão,
Nada, Pastora, valeo?
Que dirá, quem conheceo
A minha doce prisão!

Ao mesmo.

Levanta os rotos pedaços,
Une outra vez as cadêas,
Que já rasgárão as vêas,
Destes denegridos braços:
Tão livre não dês os passos,
Para a feia ingratidão;
E se a minha escravidão
Dentro em teus olhos se fez,
Como queres ver aos pés
A minha doce prisão?

MO-

MOTE.

Nova chamma vejo arder
Dentro do meu coração.

GLOSA.

SE se póde conhecer
De hum ardente amor o effeito,
Parece-me, que em teu peito
Nova chamma vejo arder.
Quem podéra comprehender
Deste teu fogo a razão;
Porque se fosse paixão
O que em teu peito respira,
Talvez a mesma eu sentira
Dentro do meu coração.

MOTE.

A Mãi dos ternos Amores
Anda entre nós disfarçada.

GLOSA ALEGRE.

PAssando, e vendendo Amores,
Com receio de ser vista,
Se pôz a Contrabandista,
A Mãi dos ternos Amores.
Ella faz-se de mil côres,
Temendo ser encontrada,
Anda sempre de emboscada,
E até segundo o que penso,
Muita vez de capa, e lenço,
Anda entre nós disfarçada.

MO-

MOTE.

Com sangue das rotas veias
Firmei protestos de Amor.

GLOSA.

AMor com férreas cadêas
Quiz castigar os meus erros,
Ficárão tintos seus ferros,
Com sangue das rotas véas.
Tramou com subtís idéas
Hum duro laço traidor
Nos pulsos mo veio pôr,
Eu então em breve espaço,
Com sangue no férreo laço
Firmei protestos de Amor.

MOTE.

He-me preciso estudar.

GLOSA.

AMor, a tua lição
Eu de cór sabida trago,
E espero me dês o pago
Desta minha promptidão,
Eu já sei o que he paixão,
Conjugo o verbo de Amar,
Já sei rigor decifrar;
Mas para Jonia soffrer,
Outro modo de viver
He-me preciso estudar...

MOTE.

A minha mesma desdita
Me faz sempre suspirar.

GLOSA.

A Minha desgraça imita
A onda, que á outra acode,
Oh quanto se augmenta, e póde!
A minha mesma desdita.
De Jonia o rosto me incita
A mil votos renovar,
Mas se me vou a lembrar
Da sua cruel mudança,
Esta funebre lembrança
Me faz sempre suspirar.

I. *Ao mesmo.*

Ergue, Jonia, os tenros braços,
E vem ao meu coração,
Entranha a nevada mão,
Tira-o em tintos pedaços;
Não demores mais os passos,
A' Hircana féra imita,
Todo o teu valor agita,
Dá mil triunfos á inveja,
E a tua victoria seja
A minha mesma desdita.

II.

Mas se queres sem rigor
Tratar meu afflicto peito,
Obedece ao meu preceito,
Que isto manda a Lei de Amor:
Condôa-te a minha dôr,
Bem vês te sei estimar,
Vem comigo a paz gozar,
Acabe com alegria
O mal, que de noite, e dia
Me faz sempre suspirar.

MOTE.

Entre as azas de Cupido
Anda Marilia perdida.

GLOSA.

JA' tudo tenho corrido,
Marilia náo posso achar,
Até a fui procurar
Entre as azas de Cupido.
Náo póde o vago sentido
Descobrilla em tanta lida,
Ausentou-se, e na fugida,
Quanto mais de mim se esconde,
Menos posso saber onde,
Anda Marilia perdida.

MOTE.

Quebrei de Cupido as settas.

GLOSA ALEGRE.

MInha Avó, santa mulher,
Que em pequeno me creava,
Muitos conselhos me dava,
Para Amor me não prender:
Sempre lhe ouvia dizer,
Que Amor traz gentes inquietas,
Mas eu seguindo as discretas
Expressões, que ouvia só,
Nas ventas de minha Avó
Quebrei de Cupido as settas.

Se me virem ser Ingrata,
Não se admire ninguem,
Hum Ingrato me ensinou
A ser Ingrata tambem.

GLOSA. I.

GRaças, ó Ceos, destrocei
De amor os cruentos laços,
Por sinal, que os vís pedaços
Para memoria guardei,
A cadêa, que quebrei,
O Falso outra vez náo ata,
Quero ver se inda se jacta
Dos mal urdidos enganos:
Náo me culpem os humanos,
Se me virem ser Ingrata.

II.

Triste, e chorosa algum dia,
Soffri de Amor os tormentos,
Fiz promessas, juramentos,
Sem faltar ao que devia,
Debalde então resistia
A's prisões, que o falso tem;
Mas agora, que vi bem
A sua cruel traição,
De eu mudar de condição,
Não se admire ninguem.

III.

Em fim, pude-lhe escapar,
Faça Amor o que quizer,
Que a justa razão não quer,
Que ame a quem me não amar;
Mas se alguem me perguntar,
Quem a tanto me obrigou,
Ou a causa porque dou
A amor desprezo tão forte,
Direi, que a ser desta sorte
Hum Ingrato me ensinou.

IV.

Urdio tanta falsidade,
Tantas lições me foi dando,
Que o soffrimento faltando,
Faltou-me toda a lealdade:
Fez as prisões em metade,
Unillas me não convém,
E como o Falso não tem
A firmeza desejada,
Desde já fico obrigada
A ser Ingrata tambem.

Tudo que ha triste no Mundo,
Tomára que fosse meu,
Para ver se tudo junto
Inda he mais triste do que eu.

GLOSA Á MARUJA.

I.

ANde cá, minha Zabel,
Ajude esta patuscada,
Venha beber a canada
Na companha do Manel:
Eu sempre lhe fui fiel,
No gastar sou sem segundo,
Ande, venha aqui dar fundo,
Eu quero pagar a negra,
Porque a pinga he o que alegra
Tudo que ha triste no Mundo.

II.

Ora vamos, vá por lá,
A' saude da Bahia,
E tambem de sua Tia,
Que tão rabugenta está:
Eu de nada se me dá,
Então larga? já bebeo?
Pois olhe, menina, eu
Só gosto destas refregas,
Quanto vinho ha nas adegas
Tomára que fosse meu.

III.

Quero fazer na barriga
De vinhos hum Almazem,
Porto, Malga, Santarém,
Por ver se todo faz liga;
Hum dente d'alho, hũa miga,
Hum naco de bom prezunto,
Tudo faz boca, e assumpto;
Gosto desta novedade,
Quero toda a qualedade,
Para ver-se tudo junto.

IV.

Não tenho dinheiro em barda,
Mas tenho amor a você:
Navego, mas sem maré,
Porque a fortuna me tarda:
Anda sempre em noite parda,
Quem não tem gimbo de seu,
O Home, que assim veveo,
Onde a chelpa nunca ruge,
He como o cão com rabuge,
Inda he mais triste do que eu.

PENSAMENTOS.

PENSAMENTO I.

DOis homens de aposta vão
Meia legoa a caminhar,
Este corre, mas em vão,
Que aquelle vai devagar.

E se alguem me perguntar,
Qual delles lá póde ir ter,
Direi, que ha de lá chegar
Aquelle, que não correr.

Pó-

Póde-se tudo vencer,
Havendo forças iguaes,
Que o que tudo quer fazer,
Só de louco dá sinaes.

Tudo alcança em casos taes,
O que de vagar começa,
Nem por madrugar-se mais,
Amanhece mais depressa.

PENSAMENTO II.

SE huma arvore pozeste,
E que crescesse esperaste,
Sempre muito mal fizeste,
Se em pequena não a ataste.

Quando o fructo lhe tiraste,
Direita a quizeste ver,
E quando a vara viraste,
O tronco viste render.

Ora

Ora se antes de crescer
Tivesses igual cuidado,
Direita podia ser,
Sem ter o tronco quebrado.

Seja-te por mim lembrado,
Que o arbusto, e o menino,
Para se ver bem creado,
De pequeno quer ensino.

PENSAMENTO III.

SE o rio passar tentaste,
Sempre a muito te atreveste!
Levou-te,
Deixou-te,
De atrevido que tiraste?
E de affoito, que fizeste?

A carreira foste dar,
Por primeiro lugar ter,
Sahiste,
Cahiste,
Vês que não póde atinar
O cégo, que quer correr.

A' briga foste acudir,
E lá que te succedeo?
Levaste,
Ficaste,
Aquelle, que não quiz ir,
Foi quem na bulha venceo.

Será tido por hum louco,
Quem obra sem a razão,
Sciencia,
Prudencia,
Precisa o que pouco a pouco
Refreia qualquer paixão.

A panella ao fogo posta,
Se acaso de mais ferveo,
Pegou-se,
Queimou-se,
Ninguem do guizado gosta,
Que todo o sabor perdeo.

PENSAMENTO IV.

ONde o raio lançará
Densa nuvem denegrida!
Torre elevada, e fendida,
Em que tempo cahirá!

Se tu presumes fugir,
Qual ha de ser o lugar,
Que te possa reparar
Do mal, que te póde vir?

Co-

Coraçáo humano, e puro,
He aos males indiff'rente,
Com vasante, e com enchente
Navega os mares seguro.

Vida de desordens cheia,
Consciencia atropellada,
Só teme o ser castigada,
Quando a molestia se ateia.

O Poder immenso, e forte,
Que ao Mundo assignou medida,
Pôz-lhe hum caminho da vida,
E mil estradas da morte.

Logo convém, que em cegueira
Náo te guies de outro cégo,
Que he facil cahir no pego,
Quem se perde na carreira.

PEN-

PENSAMENTO V.

PEnsas certo o ganho ter,
Porque as vasas vais fazendo!
Que te podes ver perdendo,
Jámais te deve esquecer.

Da louca illusão te solta,
Porque ha tempos desiguaes,
Se as vélas inchão de mais,
A's vezes a Não se volta.

Hon-

Honras, riquezas crescidas
São a precipicios dadas,
Melhor fructo dão sonhadas,
Do que ainda possuidas.

Viajante a caminhar
Sempre para traz olhou,
Alegra-se do que andou,
Não do que tem para andar.

Nas tenras aves estuda,
A quem duro tempo ingrato
Hindo-lhes dar novo ornato,
Faz com que morrão na muda.

PEN-

PENSAMENTO VI.

NÃo murmures de quem manda,
Senão te aprouve o Decreto,
Que ao que chamas hoje injusto,
Ha muitos, que chamão recto.

Se tu as redeas tivesses
Da cançada Monarquia,
Nos tropeços, que encontrasses,
De ti peior se diria.

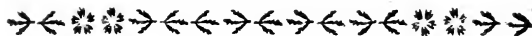
Vol-

Volta o mando á casa tua,
Que he hum Reino abbreviado,
O governo da familia
Como anda desarranjado!

Olha quanto a fantasia
Te nubla a luz da razão,
Quem vê jogar, e não joga,
Ganha muito, mas em vão.

Desempenha os sentimentos
Das qualidades, que tens,
Que assim podes ver trocados
Todos os males em bens.

Se fazes tanta injustiça,
Porque mal dizes da alheia?
Antes de fallares della,
Primeiro a tua refreia.

PEN-

PENSAMENTO VII.

SE de massa corruptivel
Foi a tua formação ,
E desde que o Mundo habitas ,
Só mereces compaixão.

Se foi de tristes miserias ,
Quasi sempre o homem préza
Cegueira , aleijões , loucura,
Annos , trabalhos , pobreza.

Porque opprimes de cuidados
A vida, que o Ceo te deo!
Se a cobiça de mais oiro
A saude te perdeo.

Não te basta ver os damnos,
Que nas mãos da fome passa
Aquelle, que noite, e dia
Anda escravo da Desgraça?

E que por pouco que tenhas,
Tens nesse pouco, o que importa,
Para te livrar de andares
Mendigando porta em porta?

Supponhamos possuido
O quanto ajuntado tens,
E quem fez promessa ao homem
Da duração desses bens?

Con-

Contem-te nos teus limites,
Nada te promova inveja,
Quem se contenta com pouco,
Tem mais, que quem mais deseja.

APOLOGO I.

O Minhoto, e o Estorninho.

EM fresca tarde do Outono,
Em que hia o Sol declinando,
Habil Caçador ligeiro
Andava as aves caçando.

Hum pombo cheio de susto,
Que ao tiro pode escapar,
Encontrando hum Estorninho,
Piedoso o quiz avisar.

Con-

Contou-lhe todo o successo,
Que o Estorninho mal ouvia,
Pois andava revoando
Minhoto, que o perseguia.

Logo ao pombo agradeceo
O aviso, que lhe foi dado,
Mas á pressa foi voando,
Do Minhoto intimidado.

Cançou-se o pobre Estorninho,
De andar nos ares cruzando,
Fugindo ao sagaz Minhoto,
Que as unhas lhe hia lançando.

Mas lembrando-se do aviso,
Que o terno pombo lhe deo,
Por vingar-se do Minhoto
Huma entrega lhe teceo.

Foi fugindo para o lado,
Onde o Caçador andava,
Só por ver se algum dos tiros
No Minhoto se acertava.

Bem conhece, que no lance
Póde elle tambem ficar,
Não se lhe dá de morrer,
Se ao Minhoto se acertar.

Eis-que ambos juntos já vinhão,
Ponto o Caçador lhes fez,
Ambos feridos, e mórtos,
Lhe forão cahir aos pés.

Moralizemos agora
Esta horrorosa vingança,
Em que outros iguaes successos,
A gente de contar cança.

Que ha no desvairado Mundo
Huns tão perversos mortaes,
Que não receião perder-se,
Por ver perdidos os mais.

APOLOGO II.

A Formiga, e o Rato.

DE dia, e de noite
Contente gyrava
Faminta Formiga,
Que o grão ajuntava.

Debaixo da terra
Celleiro fazia,
E só por guardar
Mui pouco comia.

Ra-

Ratinho manhoso,
Que a mina encontrou,
Comendo, e ratando
O gráo lhe furtou.

A triste, que vio
Roubado o sustento,
Assim se queixava
Com triste lamento.

De que me servio
Andar nesta lida,
Buscando sustento
Com p'rigo de vida.

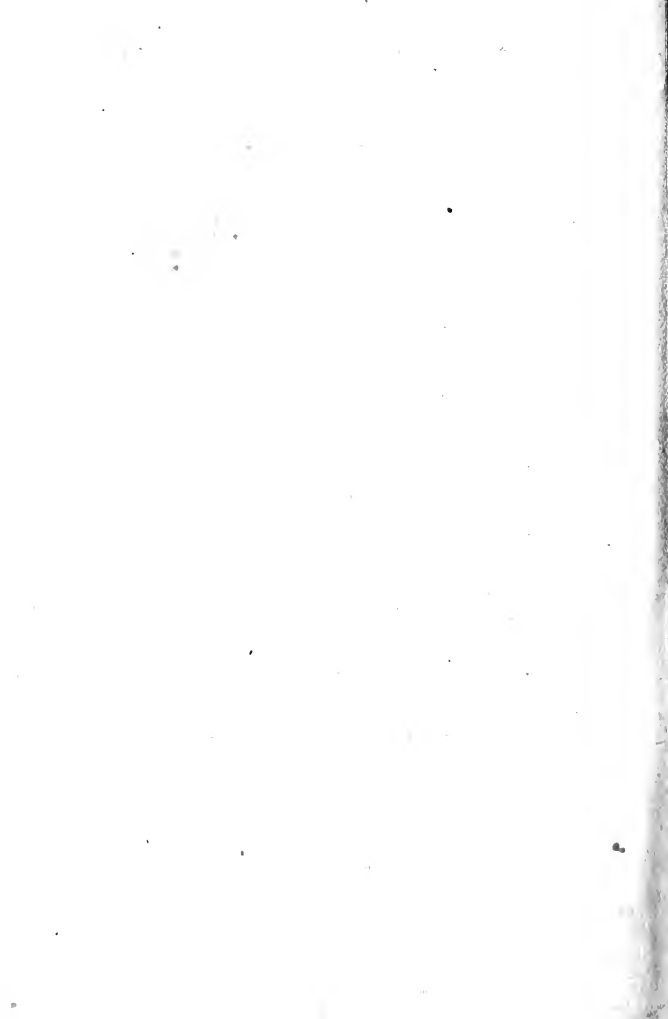
De que me servio
Trazer, e guardar
Se quanto juntei,
Não pude lograr.

Co-

Comia táo pouco,
Táo mal eu passava,
Que o muito que tinha,
Ser pouco julgava.

Se eu bem me nutrisse;
Hum dia, outro dia
O esperto Ratinho
Me náo roubaria.

Mais gorda, e mais bella,
Talvez eu andasse,
Se bem lhe comesse,
Se as mais sustentasse.

Que muito poupar,
E bem náo fazer,
Os bens, que se juntáo,
Máo fim háo de ter.

PAIXÃO AMOROSA
EM
QUARTETOS.

OUve-me, Olina,
Meu coração
Só por ti sente
Viva paixão.

Desde o momento,
Que te avistei,
Da liberdade
Mais não usei.

To-

Toda a minha Alma
Preza ficou,
Forão teus olhos
Quem ma ligou.

Por elles morro,
E delles vivo,
Abranda, Olina,
Teu peito esquivo.

Juras te faço,
Votos prometto,
Não tem mudança
O meu affecto.

Pelo Orco juro,
Como jurárão
Os mesmos Deoses,
Quando se amárão.

Que

Que sempre firme,
Sempre constante
Meu coração
Verás amante.

O vivo fogo
N'Alma se accende,
Minha ventura
De ti depende.

Ouve-me, Olina,
Ah, não te escondas,
Que Amor ordena,
Que me respondas.

Ouve-me, Olina,
Que bem merece,
Quem de adorar-te
Nunca se esquece.

O quanto, Olina,
Sinto não ver-te,
Nem a minha Alma
Sabe dizer-te.

Dormem as ondas,
Na branca areia,
Só não descança
A minha ideia.

Dou de saudoso
Ternos suspiros,
Que fazem éco
Nestes retiros.

Dize-me, Olina;
Se estes effeitos
Sentem d'Amor
Fingidos peitos.

Ah, não me deixes,
Jura comigo
A lei, que guardo,
Votos, que sigo.

PESCARIA
DE
JOSINO.

QUando eráo mais penetrantes
Os raios do Sol ardente,
Quando á sombra dos vallados
Se acolhia o gado, a gente.

Quando apenas se sentia
Zefyro pelos salgueiros,
Sem fazer leve impressáo
Nos enlodados ribeiros.

Josino no Téjo
A rede lançava;
Porém não tirava
Mais que o seu desejo.

Os raios do Sol crestavão
Inda praias mais distantes,
Luzião brancas arêas,
Como polidos Diamantes.

Linio no tostado peito
Encostava a rija vara,
Porque a valla atravessando,
Nella o batel encalhára.

Josino no Téjo
A rede lançava;
Porém não tirava
Mais que o seu desejo.

Alli Jonia, alli Marfiza
Prezadas de nadadoras,
Parecem por entre as agoas
Serêas encantadoras.

Gyra Tirse a praia toda,
Por ver os bateis pescar,
Lilia senta-se contando
O vivo peixe a saltar.

Josino no Téjo
A rede lançava;
Porém não tirava
Mais que o seu desejo.

Celia com brancas conchinhas
Faz hum delicado jogo,
Melizeu tocando a Lyra
Accende de Amor o fogo.

In-

Innocentes Pastorinhos,
Brincando pelos ribeiros,
Para tecerem cabazes,
Cortão vergas dos vimeiros.

Josino no Téjo
A rede lançava;
Porém não tirava
Mais que o seu desejo.

Alli vem tenra Pastora
A Jonia dizer mil graças,
Linio offerta cuidadoso
A pendura de fataças.

Hum vai lavando a caldeira,
Em que o peixe se prepára,
Outro a buscar seccas vides,
Este lugar desampára.

Josino no Téjo
A rede lançava;
Porem não tirava
Mais que o seu desejo.

Marilia quer apanhar
Os mujes, que vê bolindo,
Molha a delicada mão,
Os mujes lhe vão fugindo.

Ao longo da fresca praia
Ouve-se a bulha, que fazem
As companhias dos barcos,
Que os barcos á sirga trazem.

Josino no Téjo
A rede lançava;
Porém não tirava
Mais que o seu desejo.

Josino desconsolado,
Porque a fortuna lhe falta,
Encalha o pobre batel,
E na ruiva arêa salta.

Marilia se compadece
De o ver em tanta tristeza,
Toma a si de o consolar
A difficil ardua empreza.

Josino no Téjo
A rede lançou,
O peixe fugio-lhe,
Marilia ficou.

Marilia diz: ,, Ah, não temas
,, Teu duro fado inimigo,
,, Se és c'os peixes infeliz,
,, Serás ditoso comigo.

,, E pois que ha tempo me buscas,
,, Já o meu destino pede,
,, Que em lugar da pescaria,
,, Eu caia na tua rede. ,,

Josino no Téjo
A rede lançou,
O peixe fugio-lhe,
Marilia ficou.

AMOFINAÇÕES,

Que soffre toda a menina, que se casa com hum Velho, expostas nos versos seguintes.

EU não soffro, que as Meninas
Vivão com tanto recato,
Opprimidas pelos Pais,
Feitas huns bichos do mato.

Fazendo na branca meia,
Sentada ao pé da vidraça;
A Mãi lhe prega dois gritos,
E vira a cara a quem passa.

Quan-

Quantas estou encontrando,
Obrigadas a casar,
Ao Velho, porque he Mineiro,
O Pai a Filha quer dar.

Se acaso em noites de Lua
Quer na rua dar hum passo,
O seu carunchoso noivo
Lhe vai logo dar o braço.

Se faz esbelto Cadete,
A' triste cortejo algum,
Então o Velho ao ouvido
Lhe vai fazendo zum, zum.

Se a pobre entrà n'uma sala,
E vai dançar cutilhão,
O Velho em cada alemandra,
Tem faca no coração.

Se

Se para algum minuete
Hum peralta a vai tirar,
Responde o ginja sisudo,
„ A Senhora já tem par. „

Ella então por mais esperta
Corre com todo o capricho,
Falla ao primeiro, que encontra,
Diz que seja o seu Par fixo.

Se se assenta para o jogo,
Desterrando o mal profundo,
Olhos n'um, e c'o pé n'outro,
Assim vai logrando o Mundo.

Ella vai fazendo as vasas,
De Amor accendendo o fogo,
E o ginja, que está de fóra,
He só quem perde no jogo.

Quan-

Quanto mais ella contente
  Nos mostra a sua feição,
  Mais elle pelo relogio
  Pucha a ver, se horas já são.

O Velho todo raivoso
  Ir-se dalli só elege,
  E diz da janella abaixo,
  „ O' Teixeira, põe a sege.

Levanta-se ella com ira,
  O rosto como huma brasa,
  E diz ás suas amigas,
  „ He pensão de quem se casa.

Apenas a casa chegão,
  Recorda-se a brincadeira,
  Ralha hum, e ralha o outro,
  Tudo vai n'uma poeira.

Aco-

Acode-lhe a convulsão,
Vem fumaças, vem esp'ritos,
Que paixões em qualquer Dama
Sempre fazem fanequitos.

O Velho feito chorão,
Já da Menina tem dó,
Anda como hum parvoinho
Pela casa a fallar só.

Ella entra a bracejar
No meio da convulsão;
E quando lhe fica a geito,
Prega nelle hum pescoção.

De que casta he a Menina,
Tem convulsões de encommenda,
Quem não sabe o que ellas são,
Nestas cantigas aprenda.

O Author he Mestre na Arte,
Soube lograllo a primeira;
Aprendeo á sua custa,
Hoje já lê de Cadeira.

A MENINA NO TOUCADOR.

MAnda-me Amor, que eu retrate
Huma Dama ao toucador,
Vou cumprir os meus deveres,
Por ser preceito de Amor.

Logo que a Senhora acorda,
Com semblante amarellado,
Com hum unto milagroso
Todo o rosto he besuntado.

Mettida n'um mandrião,
Já fóra da cama vem,
Affectando tosse secca,
Com a qual não passou bem.

Queixa-se do negro leito,
E diz (cousa muito rara!)
Que a busca de hum percevejo
Toda a noite a constipára.

Que traz immenso fastio,
Que nem póde respirar,
Porém grita a toda a pressa,
Que lhe tragão de almoçar.

Vem esperta rapariga
Com prompto almoço na mão,
Bebe chá, come fatias,
Sem menor indigestão.

Dá tres voltas pelo cravo,
E sentada na cadeira,
Canta para ter melhoras
Huma moda brazileira.

Dalli logo he conduzida
Para o eterno toucador;
Onde não cessão as pragas
Por se não saber compôr.

Chama a Aia em altas vozes,
E porque não deo resposta,
Lhe diz: „ Para a outra vez
„ Ha de ser na rua posta.

„ Venha compôr o riçado,
„ Traga as tiras de volante,
„ Dè-me dois ganchos maiores,
„ Limpe as fitas n'um instante. „

Tudo vai n'uma poeira,
  E já a pobre Criada
  Anda pelo gabinete,
  Como mosca atordoada.

Mal que o riçado se põe,
  Vejo a Dama n'um flagello,
  Porque não lhe encobre nada
  Certas faltas de cabello.

Atira c'o espelho ao chão,
  Dá gritos, faz berrarias,
  Para a consulta da popa,
  Vem a Mãi, o Pai, as Tias.

Desmaia seiscentas vezes,
  Todas sem maior ruina,
  Que para aquella molestia
  Todas sabem Medicina.

Consegue por fim da festa,
Pôr os volantes, e as fitas,
E vem já prompta de todo,
Para a sala das visitas.

Entra Sua Senhoria
De outro igual acompanhado,
Faz-lhe mesura, e pergunta,
„ Como está, meu empinhado?

„ Como passou o meu Par?
„ Como está o meu Cupido?
„ O meu lindo bem devéras
„ Não tem cá apparecido.

„ Depois dos annos da Mana,
„ Meu filho, bem não passei,
„ Inda trago a dôr no peito
„ Dos cotilhões, que dancei. „

Com estas taes ninharias
Se passão do dia as horas,
Que este he todo o Breviario,
Porque rezão as Senhoras.

Deos me livre de ser Pai,
Ser Tio, Avô, ou Padrinho,
Que se encontrar destes genios,
Eu lhe darei hum geitinho.

F I M.